

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA - LICENCIATURA**

Franciele Vanzella da Silva

A dança e a cultura gaúcha como prática pedagógica na Educação Infantil

Porto Alegre

2014

Franciele Vanzella da Silva

A dança e a cultura gaúcha como prática pedagógica na Educação Infantil

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia-Educação Infantil e Anos Iniciais da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Orientadora: Professora Dra. Leda de Albuquerque Maffioletti

Porto Alegre

2014

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me guiar durante a elaboração deste Trabalho de Conclusão de Curso e por me orientar com sua infinita Sabedoria.

Aos meus antepassados, pela proteção e orientação. Obrigada por conduzirem este trabalho de modo que eu pudesse recontar a história deste estado, construído por vocês com muito trabalho e dedicação. Foi uma honra lembrar suas tradições através dos hábitos e costumes descritos neste estudo, que se perpetuam até hoje.

Aos meus pais, Marlene Vanzella e Paulo Roberto da Silva, pelo incentivo, força, amor, carinho, ideias, conversas e orações. Obrigada pela compreensão, pelas palavras de motivação e por acreditarem em mim. Tudo o que eu sou devo a vocês. Obrigada por terem me criado no meu tradicionalismo e por me ensinarem valores tão bonitos como perseverança, dedicação e Fé. Obrigada por serem pais tão dedicados, amo vocês.

À minha querida orientadora, Leda Maffioletti, que vibrou comigo em todos os momentos deste trabalho. Obrigada pela dedicação, carinho, atenção e sensibilidade. Tenho certeza que não poderia ter feito escolha melhor para esta função. Sua organização, incentivo e dedicação foram fundamentais para o êxito desta pesquisa. Parabéns por ser este exemplo de pessoa e de professora.

Às colegas do Curso de Pedagogia, pelo apoio e incentivo. Ter a companhia de vocês nesta caminhada tornou o percurso mais prazeroso. Parabéns por serem estas grandes profissionais que me ensinam muito. Agradeço especialmente as amigas Elise Jacobi e Juliana Mendes.

Aos Amigos da Associação dos Jovens da Seicho-No-Ie da Regional Passo D'Areia, pelas orações, incentivo e apoio. Sem o carinho e a disponibilidade de vocês em assumir as reuniões da AL jovens de Sucesso não conseguiria ter me dedicado tanto a este TCC.

Aos três colaboradores desta pesquisa, por aceitarem participar das entrevistas narrativas, pela disponibilidade e confiança em contar suas histórias de vida, enriquecendo este trabalho.

Aos Colegas da Creche da UFRGS, Marilene, Camila e Vagner, por assumirem o meu lugar quando precisava sair mais cedo para as orientações na faculdade. E principalmente ao Vagner pelas trocas de turno para que eu pudesse continuar trabalhando na Creche durante o

último semestre da graduação. Agradeço também aos colegas de Creche pelos laços de amizade criados durante o estágio e TCC: Camila Krug e Andriws.

Agradeço especialmente aos alunos do Jardim A1, minhas fontes de inspiração. Obrigada por me motivarem diariamente a me tornar uma professora e um ser humano melhor.

Obrigada a todos os amigos e familiares que contribuíram com palavras de incentivo e orações, desde o vestibular até o final da graduação. Principalmente a minha nona Santana, exemplo de amor e fé. É muito bom saber que existem tantas pessoas torcendo pela minha felicidade.

O Tradicionalismo é um estado de alma e de espírito. É uma forma de rever as coisas do passado na preocupação de retirar elementos fundamentais que possam ser utilizados para consolidar o indivíduo na sociedade atual. Tradição não é voltar ao passado, mas cultivar o passado (Paixão Cortes).

RESUMO

O presente estudo aborda o tema Danças Gaúchas na Educação Infantil e tem como objetivo refletir sobre os motivos que levam o gaúcho a ter orgulho de suas raízes e compreender que significados atribuem às práticas culturais sul-rio-grandenses. O estudo é guiado pelas seguintes questões: que significados os professores atribuem às suas experiências ligadas ao tradicionalismo gaúcho? Que papel desempenha a escola na transmissão e preservação da cultura gaúcha? Apoiada principalmente em Fagundes (1994), Rogoff (2005) e Maffioletti (2008 e 2012), defendo a importância da dança não apenas como forma de difusão cultural, mas como prática essencial para o desenvolvimento infantil e socialização das crianças pequenas. A pesquisa situa-se no campo qualitativo, adotando a perspectiva narrativa como forma de obter as informações referentes ao estudo pretendido. O trabalho envolve, além da pesquisa bibliográfica, o registro narrativo de minhas experiências de professora referentes ao tema e entrevista narrativa realizada com três professores estudantes do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Todo o material recolhido foi analisado com base em dimensões extraídas do próprio material, conforme sugerem os autores Jovchelovitch e Bauer (2002) e Bolívar (2012). Os resultados do presente estudo poderão provocar reflexões sobre a seriedade do tema enquanto oportunidade de formação de crianças pequenas e orientar quanto a possíveis iniciativas no que se refere aos aspectos didáticos e pedagógicos das comemorações desenvolvidas na escola. O estudo apresenta argumentação teórica que poderá fundamentar a importância do ensino da dança tradicional gaúcha na Educação Infantil.

Palavras chave: Dança na Educação Infantil. Cultura Gaúcha. Dança gaúcha na escola. Tradições Gaúchas. Tradicionalismo na escola.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	9
1. SER GAÚCHO.....	112
2. CULTURA GAÚCHA.....	19
2.1. Instituições Culturais de Ensino do Tradicionalismo	222
2.2. As diferentes formas de manifestação da cultura gaúcha	244
2.3. A indumentária.....	277
2.3.1. Traje indígena (1620 – 1730)	277
2.3.2. Traje Gaúcho (1730 – 1820).....	277
2.3.3. Traje Gaúcho (1820 – 1865).....	288
2.3.4. Traje Gaúcho (1865 – até os dias atuais)	288
2.4. As Danças Gaúchas	299
3. DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	31
3.1. A Dança como socialização	32
3.2. A Dança como Prática Pedagógica.....	34
4. MINHAS NARRATIVAS.....	36
4.1. O Gaúcho e o Caipira	37
4.2. Tradicionalismo como Marketing	40
4.3 Experiências Dançantes	44
5. CAMINHOS METODOLÓGICOS	45
5.1. Entrevista Narrativa.....	46
5.2. Procedimentos da Entrevista.....	47
5.3. Estudos sobre o método de análise.....	47
5.4. Procedimentos de análise.....	48
5.5. Sujeitos da Pesquisa	48
6. ANÁLISE.....	49
6.1 Relações com a família e amigos	50

6.2 Espaços e Tempos Vividos	53
6.3 Experiências durante a Semana Farroupilha na escola e na comunidade	55
APRENDIZAGENS DESTA PESQUISA	59
REFERÊNCIAS	62
ANEXO.....	65

INTRODUÇÃO

O presente estudo dedica-se à cultura gaúcha com a finalidade de refletir sobre os valores, costumes e práticas ligadas ao tradicionalismo sul-rio-grandense. Acreditando na influência decisiva da educação, o estudo procura ouvir as histórias contadas por duas professoras e um professor de Educação Infantil, que falam sobre o significado de suas experiências ligadas ao tradicionalismo. Outro aspecto que procuro compreender refere-se ao papel da escola na difusão da cultura gaúcha.

Optei por pesquisar esta temática no contexto na educação, pelo fato de considerar de fundamental importância ter um espaço na escola de Educação Infantil para falar com as crianças sobre a cultura Gaúcha e contar a elas um pouco sobre sua história, de modo a auxiliar na construção de sua identidade. De modo especial, este trabalho apresenta argumentos em favor do ensino da dança tradicional gaúcha como prática pedagógica na Educação Infantil.

Antônio Nóvoa (2010), questionado sobre os conteúdos que devem ser prioritários na escola, afirma que nesta instituição deve ser ensinado “tudo o que une e tudo o que liberta”. Complementando seu pensamento, o autor diz:

O que une é aquilo que integra cada indivíduo num espaço de cultura, em determinada comunidade: a Língua, as Artes Plásticas, a Música, a História etc. Já o que liberta é o que promove a aquisição do conhecimento, o despertar do espírito científico, a capacidade de julgamento próprio. (NÓVOA, 2010)¹

Conforme o autor citado, de nada adianta a escola se preocupar, por exemplo, com educação ambiental ou inclusão social, pois do seu ponto de vista, “se os estudantes não aprendem as ferramentas básicas do conhecimento e da cultura” (NÓVOA, 2010), nenhum conhecimento terá sentido em suas vidas.

¹GESTÃO ESCOLAR. *À escola o que é da escola*. Ed. 008, 2010. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/gestao-escolar/diretor/antonio-novoa-fala-conteudos-devem-ser-prioritarios-escola-574267.shtml>>. Acesso em: 8 de março de 2011.

Com base na importância do conhecimento da cultura em que a escola está inserida, o presente trabalho procura oferecer uma reflexão sobre a importância das manifestações culturais estarem presentes na Escola de Educação Infantil.

Esta temática é bastante significativa para mim, por ter acompanhado o trabalho de meus pais, como tradicionalistas, nas escolas públicas e particulares de um município da grande Porto Alegre, onde eram professores de Danças Tradicionais Gaúchas. Outra justificativa se dá pelo fato de eu ter sido criada participando ativamente dos Centros de Tradições Gaúchas (CTG)².

Ao pesquisar autores de Trabalhos de Conclusão de Curso sobre a temática do tradicionalismo e, mais especificamente, sobre as Danças Gaúchas, percebi que a Educação Infantil estava pouco representada nos estudos acadêmicos. As etapas que compreendiam pesquisas relacionadas à cultura gaúcha eram o Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Ressalto que, ao realizar esta pesquisa, em nenhum momento tive a intenção de impor a Cultura Gaúcha como a melhor ou a única. Busco através deste estudo compreender com maior profundidade a cultura na qual estou inserida e da qual me orgulho em fazer parte para pensar em práticas pedagógicas a partir dela.

Portanto, este estudo não pretende ser um manual didático para o ensino da cultura gaúcha. Ele busca compreender quem é o gaúcho, para que possamos refletir sobre a importância da cultura para um povo como forma de afirmação de sua identidade. Também não visa ser um manual de ensino da dança para crianças pequenas, mas apresentar algumas possibilidades e reflexões.

O trabalho está organizado da seguinte maneira: no primeiro capítulo faço uma retomada histórica, trazendo a forma como o gaúcho foi-se constituindo, bem como as influências dos hábitos dos imigrantes que foram incorporados à nossa cultura. Busco também elencar os principais motivos que levam o gaúcho a sentir orgulho de sua cultura. Utilizo como principal referencial a obra de Antônio Fagundes (1994).

No segundo capítulo abordo conceitos que considero importantes ao falar sobre a cultura gaúcha: Cultura, Folclore, Tradição, Tradicionalismo e Nativismo. Defino estes conceitos sob a perspectiva de Eagleton (2003), Rogoff (2005), Cortes (1981) e Fagundes

² Os Centros de Tradições Gaúchas são grupos locais onde se cultua a tradição gaúcha através de diversas formas, sendo a principal delas a dança. É um ambiente público., aberto a todas as idades.

(1994). Apresento também as formas de expressão mais difundidas da cultura gaúcha: Dança, Música, Linguagem, Culinária, Chimarrão.

No terceiro capítulo, reflito sobre a Dança na Educação Infantil, com base nas Diretrizes Nacionais Curriculares para a Educação Infantil, extraindo subsídios para apoiar minhas ideias. Entendo a dança na perspectiva da socialização e como uma prática pedagógica na Educação Infantil. Fundamento a importância da dança sobre a perspectiva de Garaudy (1980), Maffioletti (2012) e Vargas (2007 e 2014).

O quarto capítulo está recheado de vivências, sentimentos e lembranças relacionadas ao Tradicionalismo Gaúcho, descritas por mim em forma de narrativas. No quinto capítulo, apoiada por Jovchelovich e Bauer (2002) e Bolívar (2012), descrevo os procedimentos metodológicos da pesquisa.

Finalizo o presente estudo com o capítulo destinado à análise do material recolhido nas três Entrevistas Narrativas realizadas com os professores de Educação Infantil. Os resultados finais foram agrupados em três dimensões: Relações com a família e amigos; Espaços e tempos vividos; Experiências vividas durante a Semana Farroupilha na escola e na comunidade.

1. SER GAÚCHO

O presente capítulo tem por objetivo discutir alguns aspectos que marcam a identidade do gaúcho, seus valores e o sentimento de orgulho que demonstra por sua própria cultura.

O gaúcho possui uma longa história que retrata sua origem ligada aos povos indígenas que habitavam o sul do Brasil, antes mesmo da chegada dos portugueses. Contudo, com a chegada dos imigrantes açorianos, alemães, italianos e escravos negros, o gaúcho foi-se tornando fruto dessa pluralidade cultural, dada pela interação entre as etnias. Os pesquisadores que se dedicam a esse tema reconhecem que a pluralidade constitui o gaúcho de maneira muito peculiar. Fagundes (1994) considera que:

O gaúcho não é um tipo étnico racial, fruto do cruzamento eventual de portugueses e espanhóis com os índios do Cone Sul da América. Houve gaúchos autênticos que foram portugueses. Outros espanhóis, outros, ainda índios puros, guaranis ou m'baias. Alguns foram negros. No Rio Grande do Sul são conhecidos, ao longo da História, gaúchos de sangue alemão, de sangue italiano, e até mesmo gaúchos judeus. (FAGUNDES, 1994, p. 21)

Na obra de Fagundes (1994), encontrei elementos dessas diferentes culturas que foram sendo incorporados à cultura gaúcha, permanecendo até os dias atuais.

O contato do gaúcho com os imigrantes açorianos, alemães e italianos possibilitou a incorporação de diferentes aspectos à cultura gaúcha, desde os cantos, as danças e a culinária, como também o modo típico de falar. Os açorianos trouxeram canções e algumas danças, como a Cana-Verde, Chimarrita e Caranguejo. Além disso, tinham uma fala muito peculiar e são os responsáveis pela inserção do pronome “tu” na fala dos gaúchos. A imigração alemã introduziu a dança do Xote Carreirinha e a Polka, entre outras. Na culinária, trouxeram os cafés coloniais com muita cuca e chimia.

Os Colonos Italianos foram responsáveis por incluir a dança do Xote de Quatro Passi. Além disso, trouxeram o mais marcante instrumento musical da nossa cultura – o acordeon. Fagundes (1994) afirma que os italianos “[...] trouxeram matrizes de acordeons da Europa e inundaram o Rio Grande do Sul com os sons roucos da gaita, modificando assim todo o folclore rio-grandense” (FAGUNDES, 1984, p. 34). Na culinária, inseriram a polenta, massas

e uvas, assim como “[...] a mais original contribuição colonial italiana à cozinha gaúcha: o ‘galletto al primo canto’, hoje famoso nacional e internacionalmente, mas inventado aqui no Rio Grande do Sul [...]” (FAGUNDES, 1994, p. 34).

Os escravos negros introduziram na cultura sul-rio-grandense pratos muito difundidos nos dias de hoje, como feijoada, mocotó e quibebe. Trouxeram o ritmo dos tambores e também a Dança dos Facões³. O negro tem um lugar muito marcante na construção da identidade sul-rio-grandense, visto que é o personagem principal da mais comovedora lenda gaúcha: Negrinho do Pastoreio (Fagundes, 1994).

Haja vista a miscigenação cultural que deu origem ao Gaúcho, acrescentarei outro componente que julgo ser importante na construção dessa identidade. Denominamos “Gaúchos” todos aqueles que nascem no Rio Grande do Sul. Porém, há pessoas que não nasceram neste estado, mas foram criados aqui e se identificam muito com essa cultura. Para explicar de forma objetiva, denominarei esta categoria de “Gaúcho de Alma”.

Sobre este aspecto, comento dois pontos de fundamental importância. No primeiro caso, um “Gaúcho de Alma” nascido fora dos limites geográficos do Rio Grande do Sul e que vem para cá quando pequeno ou já adulto. Conheço muitas pessoas que se identificam tanto com nossa cultura que acabam incorporando hábitos, usos e costumes tipicamente gaúchos como o uso do “tu” e de expressões como “bah” e “mazah”. Entram nas rodas de chimarrão e passam a incorporar este hábito ao seu cotidiano, assim como a culinária.

O outro ponto é sobre o gaúcho que nasceu dentro dos limites geográficos do Rio Grande do Sul e viveu durante anos neste estado, porém acaba tendo que se mudar de estado ou país. Embora se insira na cultura do lugar no qual passa a viver, continua a preservar seus hábitos e costumes tipicamente gaúchos. Tenho amigos gaúchos que se mudaram para São Paulo, mas continuaram utilizando expressões verbais sulistas, bem como mantém firmemente o hábito do chimarrão. Certamente incorporaram hábitos do novo lugar onde foram morar, mas não perderam os traços de sua identidade cultural.

Outra amiga que nasceu e viveu por muitos anos no Rio Grande do Sul morou nos Estados Unidos durante nove anos, período em que teve um filho. No intuito de passar a ele sua herança cultural, comprou toda a Pilcha masculina e o levou para participar de um CTG na Flórida, para conhecer suas raízes. Novamente, a cultura gaúcha aparece com muita força.

³ Dança dos facões é uma dança bailada só por homens, que devem portar dois facões cada um.. Dança cadenciada pelas batidas dos facões no ritmo da música, exige muita habilidade e destreza a fim de evitar cortes. (Cortes, 2010)

Fonseca (2012) afirma que “[...] os gaúchos quanto mais longe se encontram do Rio Grande, mais gaúchos se sentem” (FONSECA, 2012, p. 99).

Neste ponto é possível perceber o quanto a cultura tem representatividade para o povo. Rogoff (2005) entende a cultura como uma herança cultural e biológica adaptada por cada geração. Sendo assim, os gaúchos permanecem se expressando através da cultura sul-riograndense, manifestando a herança cultural recebida independente da distância geográfica que estão do Rio Grande do Sul.

Na tentativa de se manter culturalmente ligados à terra natal, independente da distância geográfica, os gaúchos que se espalham pelo mundo assumem um importante papel de propagação da cultura. Movidos pelo amor e pela saudade do seu estado, criam Centros de Tradições Gaúchas pelo Brasil e pelo Mundo⁴. A exemplo o CTG “Saudade da minha Terra” em Nova Jersey – EUA, do CTG “Querência do Norte” em Toronto – Canadá, do CTG “União de Ideais” em Paris – França, e o CTG “Deserto da Saudade”, em Israel.

Esses dois exemplos vão ao encontro do que Lessa (1954), em seu manifesto *O sentido e o valor do tradicionalismo*, afirma que, quando a cultura é forte o bastante, as outras manifestações culturais se somam.

Se o patrimônio tradicional dessa cultura é coerente e forte, a sociedade só tem a lucrar com o referido contato, pois sabe analisar, escolher e integrar em seio aqueles traços culturais novos que, dentre muitos, realmente sejam benéficos à coletividade. (LESSA, 1954, p.3)⁵

O Rio Grande do Sul é um estado bastante peculiar, com hábitos, costumes e um linguajar próprio. A grande maioria dos gaúchos sabe cantar o hino do estado e inclusive cantam com mais ênfase e emoção que o hino nacional. Em shows, jogos de futebol e nos demais lugares onde há grande concentração de pessoas, um grito ecoa do povo: “Ah, Eu Sou Gaúcho! Ah, Eu sou gaúcho!”. Os sul-riograndenses, em sua grande maioria, se orgulham

⁴ Site CTGs pelo mundo: Disponível em: < <http://crioulo08.wordpress.com/2008/02/11/ctgs-pelo-mundo/>>. Acesso em: 30 de novembro de 2014.

⁵ LESSA, Barbosa. **O sentido e o valor do tradicionalismo**. 1954. Disponível em <http://www.mtg.org.br/pag_teses.php>. Acesso em: 29 de novembro de 2014.

muito de sua cultura proferindo constantemente frases jocosas como: “Deus é gaúcho”, “Como é bom ser gaúcho”, “Os gaúchos são os melhores”.

Mas afinal, do que se orgulham os gaúchos? Para responder a esta questão abordarei alguns aspectos da história do Rio Grande do Sul, de um passado marcado por muitas lutas, bravura e defesa do seu território que considero relevantes na construção deste sentimento.

Primeiramente, os índios precisaram se defender dos bandeirantes que vinham às “reduções jesuíticas” (pequenas aldeias) em busca de escravos para trabalhar nas plantações de cana-de-açúcar no norte do país. Com o tempo, os índios aprenderam a manejar as armas, com o auxílio dos jesuítas, e passaram a resistir às invasões. Em 1641 houve a Batalha de Mbororé, na qual os índios venceram os Bandeirantes (Fonseca, 2012).

Depois disso a luta foi para defender a região missioneira que passou a ser colônia portuguesa com o Tratado de Madrid. Um grande herói se destacou em 1750 na Guerra das Missões (Guerra Guaranítica), o índio Sepé Tiaraju, morto em 1756 – três dias antes do Massacre de Caiboaté, em que mais de 1.500 índios foram mortos pelas tropas espanholas e portuguesas. Uma frase dita pouco antes da morte de Sepé entrou para a história e é lembrada até hoje como símbolo de bravura e coragem: “Essa terra tem dono”, disse Sepé, afirmando a grande injustiça que estava sendo cometida pelos europeus, já que os índios eram os verdadeiros donos do território.

Além de defender o território contra os invasores Portugueses e Espanhóis, anos depois o Rio Grande do Sul precisava lutar novamente para defender as fronteiras atacadas pelos países vizinhos. Em 1827 aconteceu a Batalha do Passo do Rosário, cujas tropas uruguaias e argentinas invadiram o território rio-grandense e enfrentaram as tropas brasileiras.

Em 1835 explode a Revolução Farroupilha, principal fonte de orgulho gaúcho. Ao contrário do que muitas pessoas pensam, no dia 20 de setembro os gaúchos não comemoram uma revolução perdida. O que os gaúchos comemoram é o orgulho de um povo que não tem medo de lutar por grandes ideais e justiça social. A luta foi por “liberdade”, “igualdade” e “humanidade”, expressas no brasão da bandeira do estado.

Líderes como Bento Gonçalves, Antônio de Souza Neto, Giuseppe Garibaldi, Anita Garibaldi entre tantos outros são representações de gaúchos aguerridos. Heróis farroupilhas que lutaram por uma vida melhor para seu povo são motivo de muito orgulho para os gaúchos, por isso até hoje o mês de setembro é dedicado aos festejos farroupilhas.

De 13 a 20 de setembro acontecem os festejos farroupilhas. Durante este período os Centros de Tradições Gaúchas (CTG), Departamentos de Tradições Gaúchas (DTG) e Piquetes relembram o modo de viver simples do campesino⁶. Este movimento e sentimento tomou uma forma tão grandiosa que nas últimas duas décadas este levante de patriotismo saiu dos centros de tradições e foi para os parques, onde não só os tradicionalistas festejam, mas toda a sociedade gaúcha através dos acampamentos farroupilhas que acontecem em todo o estado durante os festejos alusivos à data. Estes grupos ficam acampados em determinado ponto da cidade. Em Porto Alegre, os festejos farroupilhas acontecem anualmente desde setembro de 1981, quando foi criado o Parque Mauricio Sirotski Sobrinho – Parque Harmonia.

Qualquer pessoa pode participar visitando o acampamento. Para conseguir um lugar no acampamento há alguns procedimentos que precisam ser seguidos. Na edição de 2015, todas as entidades deverão ter personalidade jurídica, CNPJ e registro no cartório. É preciso inscrever-se na Secretaria de Cultura e aguardar um alvará de funcionamento.

Durante toda a semana há uma grande integração entre os grupos, o que nos remete ao pensamento de Lessa (1954), quando observa que as unidades sociais pequenas estão extinguindo-se gradativamente. Estes grupos locais são uma forte fonte de difusão cultural na Zona Rural, mas constantemente vêm perdendo espaço e dando lugar às massas de indivíduos característicos das Cidades Grandes. Este acontecimento se deve à migração do interior para os centros urbanos, onde as pessoas não prezam tanto pela coletividade. Durante os festejos dessa data, porém, os gaúchos têm a oportunidade de reforçar os laços de amizade com o vizindário⁷(Lessa, 1954).

Nesse período ocorrem apresentações de danças, bailes, música, rodas de chimarrão, poesias, trovas e iguarias da culinária campeira. Os gaúchos vivenciam estes momentos com muita intensidade. Em minha opinião, o Acampamento Farroupilha auxilia na manutenção do sentimento de orgulho gaúcho, de amor a este lugar, de sentimento de coletividade, união e pertencimento à terra gaúcha.

Em conversa com algumas pessoas que conheci no Parque Harmonia, pude perceber bem este fator durante o acampamento farroupilha. Conversei com um jovem de 20 anos que atualmente é “Patrão” de um Piquete. O *guri* está dando continuidade à gestão de seu pai,

⁶ Aquele que vive no campo, trabalhando no meio rural

⁷ Vizinhos, pessoas que moram nas proximidades

pessoa que, segundo ele, é responsável por ter-lhe inculcido o amor pela cultura sul-riograndense. A cultura gaúcha tem essa capacidade de fortalecer os laços familiares unindo gerações.

Entre as andanças no acampamento farroupilha conheci também um casal com um estilo completamente alternativo, com muitas tatuagens e *dreads* nos cabelos. Estavam levando seu filho, que pediu a eles para se vestir a caráter para visitar o acampamento farroupilha. Lembro que me disseram que estavam lá por entenderem que esta é a maior festa do nosso estado e deve ser prestigiada. Seus pais lhes transmitiram esses valores e eles queriam passar essa herança para seu filho.

Outra experiência positiva que tive com relação ao acampamento farroupilha foi em conversa com uma amiga de minha mãe, que participa de um piquete em Porto Alegre. Ela gosta do acampamento, pois remete à sua infância, quando morava no interior, aquele modo simples de viver, o modo campesino. Segundo ela, o amor e orgulho de ser gaúcho estão no sangue, dentro de cada um de nós, esperando para ser aflorado.

Aos poucos vamos delineando nosso modo de ser gaúcho. Neste trabalho, concebemos o gaúcho não como uma raça, como um indivíduo cristalizado ou um ser histórico. O gaúcho de hoje não é o mesmo gaúcho de ontem, nem será o mesmo de amanhã. Procuramos entender o gaúcho não como alguém estático, mas como um ser que está em constante transformação, que se adapta às mudanças sem perder sua essência e possui hábitos, usos e costumes em comum com os demais membros da cultura em que está inserido. Também é importante esclarecer que embora eu, como gaúcha, sinta orgulho das minhas raízes, valores e de pertencer a esta terra, tenho plena consciência de que a cultura gaúcha é tão importante quanto as demais culturas.

Dessa forma, é possível perceber que o orgulho gaúcho se dá por diversas vertentes. As principais delas seriam o passado de lutas, bravura e defesa do seu território. Talvez por isso tenhamos tanto orgulho de pertencer a esta terra. Afinal, sempre foi preciso muito esforço para manter este lugar. Outra razão são os grupos locais, que ganham força com o acampamento farroupilha. Acredito que esse orgulho de ser gaúcho é também um pouco folclórico, haja vista que esses valores são transmitidos de geração em geração. Eu mesma, no decorrer deste trabalho, ainda não tinha bem clara a razão pela qual sinto orgulho. Sinto orgulho porque admiro a história deste estado e seus heróis da guerra e porque meus pais me ensinaram a cultivar as tradições gaúchas, assim como foram ensinados por meus avós.

Fonseca (2012) elenca alguns os motivos pelos quais o gaúcho se orgulha de sua terra e suas tradições:

Porque o Rio Grande do Sul foi construído com o sangue e o suor dos nossos antepassados. Porque nada nos foi dado ou oferecido. Cada pedacinho de chão que pisamos foi conquistado e defendido com o sacrifício de nossos heróis, que deram suas vidas para que nós fôssemos um povo livre e forte. Porque, unindo forças de nossos avós, portugueses, índios, negros, alemães, italianos e de outras terras, homens e mulheres, vencemos os invasores, superamos as desavenças e trouxemos o progresso e a riqueza para nossos campos e serras. É por isso que nossos Centros de Tradições Gaúchas de multiplicaram por todo o Brasil e até pelo mundo afora. E é por isso que somos os únicos brasileiros que conhecem e cantam o hino do seu Estado em voz bem alta e com o peito estufado de orgulho. (FONSECA, 2012, p. 7)

O hino rio-grandense é outra fonte de orgulho para os gaúchos. A Música foi composta pelo maestro Joaquim José de Mendanha, com revisão musical de Antônio Tavares Corte Real, sendo a letra do poeta Francisco Pinto da Fontoura.

De acordo com Savaris (2008), a melodia do hino foi criada em 1838. Após a tomada da Vila de Rio Pardo pelos Farroupilhas, a banda imperial foi rendida e passou a servi-los. Os líderes farrapos pediram ao maestro da banda, o mineiro Joaquim José de Mendanha, para criar a melodia do hino e assim ele fez, pois o maestro colocava a música acima das questões políticas.

Há três versões distintas para a letra o hino rio-grandense. A primeira foi de autoria do capitão farroupilha Serafim José de Alencastro, em 1838. Um ano após, surgiu uma nova letra de autoria desconhecida, muito parecida com a primeira. Em 1887, Corte Real acrescentou à melodia de Mendanha uma introdução e uma parte final. Anos depois do surgimento das duas primeiras versões, Francisco Pinto da Fontoura criou novos versos para o Hino Farroupilha, que rapidamente caíram no gosto popular, surgindo assim a terceira versão. Em 1933 iniciaram-se os preparativos para a comemoração do centenário da Revolução Farroupilha, e o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul definiu que a versão oficial do hino rio-grandense seria a de Francisco Pinto da Fontoura. Em 1966 tornou-se pública a Lei nº 5.213/66 que oficializou a letra e música do hino do Estado.

Há outras formas de expressão da cultura rio-grandense que também são fonte de orgulho para os gaúchos e serão abordados detalhadamente no segundo capítulo. São elas: a dança, a música, as lendas, a culinária e o chimarrão.

A Cultura Gaúcha é tão marcante que alguns elementos culturais importantes foram oficializados e se tornaram símbolos do Estado do Rio Grande do Sul por meio de Leis Estaduais (CHERINI e RECH, 2014).

O Chimarrão é considerado a bebida símbolo do estado, instituído pela Lei nº 11.929/03. A Lei nº 7.439/80 instituiu a Erva-mate como árvore símbolo do Rio Grande do Sul. O Churrasco foi instituído como Prato Típico do Estado pela Lei nº 11.929/03. A Pilcha é considerada Traje de Gala no Rio Grande do Sul por determinação da Lei nº 8.813/89.

A ave característica, o Quero-Quero, conhecido como “Sentinela dos Pampas”, foi instituída pela Lei nº 7.418/80 como Ave-Símbolo do Estado. A Lei nº 11.826/02 incluiu o Cavalo Crioulo como Animal Símbolo do Rio Grande do Sul, e a Carreira de Cavalos em Cancha Reta se tornou a modalidade de esporte equestre símbolo do Estado do Rio Grande do Sul pela Lei nº 14.525/2014.

A Flor Brinco-de-Princesa instituiu-se como Flor Símbolo do Rio Grande do Sul pelo Decreto nº 38.400/98. A Lei nº 11.858/02 instituiu a Marcela como Planta Medicinal símbolo do Estado. A Gaita foi instituída pela Lei nº 13.513/10 como instrumento musical símbolo e a Lei nº 12.992/08 instituiu o Laçador como Escultura Símbolo e declara a estátua integrante do patrimônio histórico e cultural do Rio Grande do Sul. O Hino, a Bandeira, e as Armas foram instituídos pela a Lei nº 5.213/66. A Lei nº 4.453/78 decreta o dia 20 de setembro feriado estadual, data que marca o início da Revolução Farroupilha; este dia é conhecido também como “Dia do Gaúcho”.

Esse conjunto de leis já mostra o empenho dos gaúchos em tornar oficial, registrado em Lei, os objetos que simbolizam o seu amor pelo Rio Grande.

2. CULTURA GAÚCHA

Há diversas formas de manifestações de origem muito antigas cultuadas pelo gaúcho, que perduram até os dias de hoje. As manifestações culturais mais difundidas são a música, a dança e a culinária. A linguagem e a indumentária também são elementos bem marcantes desta cultura.

Para explicitar a abordagem cultural deste estudo, primeiramente elencarei alguns conceitos e definições que julgo serem relevantes: Cultura, Folclore, Tradição, Tradicionalismo e Nativismo.

Cultura não é somente aquilo que é criado pelo homem, mas aquilo que forma uma rede de significações entre um grupo. A cultura é a marca de um povo. São seus hábitos, usos e costumes. Segundo Eagleton (2003), “Cultura pode ser aproximadamente resumida como o complexo de valores, costumes, crenças e práticas que constituem o modo de vida de um grupo específico” (EAGLETON, 2003, p.54).

Barbosa Lessa (1954) defende a seguinte ideia a respeito do termo “Cultura” em seu manifesto *O Sentido e o Valor do Tradicionalismo*:

[...] tem por finalidade adaptar o indivíduo não só ao seu ambiente natural, mas também ao seu lugar na sociedade. Toda cultura inclui uma série de técnicas que ensinam ao indivíduo, desde a infância, a maneira como comportar-se na vida grupal. E graças à tradição, essa cultura se transmite de uma geração a outra, capacitando sempre os novos indivíduos a uma pronta integração na vida em sociedade (LESSA, 1954, p.2).

Cultura e Folclore são conceitos distintos. Folclore é a ciência que estuda a cultura de um grupo, sem ensino formal, em suas manifestações mais espontâneas transmitidas ao longo de gerações (FAGUNDES, 1994). O folclore possui características específicas que o diferenciam da cultura. Alguns elementos característicos do folclore são: o anonimato, a aceitação coletiva, a funcionalidade e a tradição (CORTES, 1981). Contudo, os estudos mais recentes sobre o folclore desconsideram o requisito “anonimato” como uma característica essencial do folclore, adotando o “domínio popular” como critério mais relevante. Um dos argumentos é a canção “Asa Branca”, que embora seja da autoria de Luiz Gonzaga, é considerada folclore do nordeste. Num sentido mais amplo, Câmara Cascudo (1980) considera folclore como “a cultura do popular, tornada normativa pela tradição. O folclore, segundo esse autor, não apenas conserva, mas também remodela, refaz e até mesmo abandona os elementos que se esvaziam de seus motivos para um determinado grupo.

Tradição é o culto aos valores legados pelos antepassados de um povo. Tradição não é exclusividade dos gaúchos; todos os povos que cultivam os ensinamentos legados por seus ancestrais estão cultuando a Tradição. Assim como a Tradição, o Nativismo também é um conceito que não é próprio somente da Cultura sul-rio-grandense. De acordo com Fagundes

(1994), “nativismo é o amor que a pessoa tem pelo chão onde nasceu, onde é nato. E esse amor, claro, existe em todos os lugares e não é patrimônio exclusivo do gaúcho” (FAGUNDES, 1994, p. 37). Podemos definir tradição como um culto e nativismo como um sentimento. Já o Tradicionalismo se difere dos conceitos anteriormente citados. Tradicionalismo trata-se de uma nova experiência no sentido de reorganização da sociedade. Fagundes (1994) afirma que

Tradicionalismo é um movimento cívico-cultural. É a tradição em marcha, resgatando valores que são válidos não por serem antigos, mas por serem eternos, exatamente os valores que trouxeram o Rio Grande e o gaúcho do passado para o presente, projetando-os no futuro. (FAGUNDES, 1994, p. 38)

Há um conjunto de aspectos que caracterizam o tradicionalismo. Eles estão divididos entre “Aspectos Especiais” e “Aspectos Específicos”. Os aspectos especiais que caracterizam o tradicionalismo são o (1) Aspecto Cívico – bandeiras, hino, patriotismo; (2) Aspecto Filosófico – embasado por quatro documentos: “O Sentido e o Valor do Tradicionalismo, de Barbosa Lessa, “A função ‘aculturadora’ dos centros de tradições gaúchas”, de Carlos Galvão Kerbs, “Carta de Princípios do Movimento Tradicionalista do RGS”, de Glaucus Saraiva e “A função social do MTG”, de Antônio Augusto Fagundes; (3) Aspecto Ético – filosofia não escrita, aquilo que é permitido e o que é proibido dentro do CTG; (4) Aspecto Associativo – entidade coletiva; (5) Aspecto Recreativo – Lazer. Os aspectos específicos que caracterizam o tradicionalismo são as (1) Ciências – geografia, linguística, zoologia, botânica; (2) as Artes – dança, música, poesia, entre outras formas de expressão (FAGUNDES, 1994).

Cortes (1981) afirma que “O tradicionalismo que hoje vivemos, e que se estende com as mesmas características populares gauchescas a outros estados, foi criado aqui em Porto Alegre a partir de 1947/48” (CORTES, 1981, p. 13). O tradicionalismo criado em Porto Alegre não se trata de uma cultura inventada. Trata-se de uma compilação de elementos culturais registradas em diversas cidades do Rio Grande do Sul. Os pesquisadores Paixão Cortes e Barbosa Lessa saíram por todo o estado com gravador em mãos para registrar as diversas formas de manifestação cultural características do povo gaúcho. Dessa pesquisa surgiram as “Danças de Projeção Folclórica”.

2.1. Instituições Culturais de Ensino do Tradicionalismo

As Danças Gaúchas perderam o caráter folclórico, pois atualmente são ensinadas formalmente nas instituições tradicionalistas. Os pais não ensinam seus filhos a dançar, porque nem eles próprios aprenderam. Portanto, as danças gaúchas que outrora eram chamadas de Danças Folclóricas, agora possuem outra denominação: Danças de Projeção Folclórica. São denominadas assim porque são ensinadas em entidades tradicionalistas com um ensino formal e geralmente não são transmitidas de geração em geração, salvo exceções.

Algumas Entidades Tradicionalistas que assumem o papel de instituições de ensino da cultura gaúcha são: Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), Centros de Tradições Gaúchas (CTG), Departamentos de Tradições Gaúchas (DTG), Piquetes, Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore (IGTF) e o Acampamento Farroupilha. A seguir explicarei o que representa cada uma dessas instituições e qual o seu papel na difusão da Cultura Sul-riograndense.

O Tradicionalismo Gaúcho começou a tomar forma em 1947, a partir do Cortejo fúnebre do General David Canabarro, cujos restos mortais foram trazidos de Santana do Livramento para Porto Alegre. Paixão Cortes, Barbosa Lessa, Glauco Saraiva e mais cinco companheiros fizeram o cortejo do herói farroupilha a cavalo e pilchados. Tempos depois, em setembro de 1947, foi organizada uma Ronda Crioula no Colégio Júlio de Castilhos por Paixão Cortês. Pouco antes do fogo da Pira da Pátria se extinguir, um piquete com cinco cavalarianos recolheu uma chama simbólica que hoje conhecemos como “Chama Crioula”, que permanece acesa até o dia 20 de Setembro, dia que marcou o início da Revolução Farroupilha e posteriormente tornou-se feriado estadual em comemoração ao “Dia do Gaúcho”. Devido ao sucesso da 1ª Ronda Crioula, os estudantes decidiram fundar uma entidade para propagação do Tradicionalismo. Em 1948 foi fundado o 35 CTG, que teve como primeiro patrão Glauco Saraiva (FONSECA, 2012).

Os Centros de Tradições Gaúchas são grupos locais onde se cultua a Tradição Gaúcha. É um ambiente que contempla todas as idades e é aberto ao público em geral. Os CTGs se dividem em dois departamentos, o artístico e o campeiro. A parte artística realiza saraus, bailes, mostras folclóricas de brinquedos e brincadeiras. Há também as invernadas que ensaiam as Danças de Projeção Folclórica para se apresentarem em eventos do CTG ou em Rodeios (Competições entre os CTGs). As invernadas são divididas em categorias de acordo com a idade: Mirim, Juvenil, Adulta e Xiru. A parte campeira é a que lida com os animais, participa das cavalgadas, da corrida em cancha reta, do tiro de laço e da gineteada.

Os Departamentos de Tradições Gaúchas são criados em entidades que não têm fins tradicionalistas (clubes e empresas, por exemplo) e criam esse Departamento por valorizarem a Cultura Gaúcha. Os Piquetes são pequenas entidades que se dedicam ao culto das tradições da parte campeira, embora também haja invernadas (grupos de dança) em alguns piquetes.

O MTG é o órgão máximo do tradicionalismo, responsável por reunir e disciplinar as atividades ligadas à tradição gaúcha. Esta entidade se caracteriza da seguinte maneira, conforme consta em seu site oficial:

O MTG hoje é o órgão catalisador, disciplinador, orientador das atividades dos seus filiados, especialmente no que diz respeito ao preconizado em sua Carta de Princípios. É a união das diferentes gerações. É a entidade associativa, que congrega mais de 1400 Entidades tradicionalistas, legalmente constituídas, conhecidas por Centro de Tradições Gaúchas ou outras denominações, que as identifiquem com a finalidade a que se propõe, que são as “entidades a fins”. As Entidades Tradicionalistas filiadas ao MTG estão distribuídas nas 30 Regiões Tradicionalistas, as quais agrupam os municípios do RS. É um movimento cívico, cultural e associativo (MTG)⁸.

O Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore é uma instituição vinculada à Secretaria de Estado da Cultura e tem por objetivo pesquisar e divulgar a cultura sul-rio-grandense. De acordo com seu site oficial, o IGTF tem as seguintes atribuições:

A Instituição é constituída pela Biblioteca e Hemeroteca Glaucus Saraiva, que reúne quatro mil títulos dedicados à dança, costumes, folclore, vestimentas, música, etnias e informações sobre escritores e artistas do Rio Grande do Sul, pelo Museu do Som Regional que disponibiliza um acervo de LPs, CDs e fitas VHS que conta a história da nossa música. A fundação tem ainda o Estúdio Cesar Passarinho, destinado à gravação e digitalização desse acervo e a produção de programas radiofônicos. A IGTF possui o Núcleo de Pesquisa sobre a história e a cultura do Rio Grande do Sul, que presta assessoria a pesquisadores, participa de eventos ligados ao folclore, festivais e ao tradicionalismo gaúcho e publica obras relacionadas aos temas (IGTF)⁹.

⁸ Site do Movimento Tradicionalista Gaúcho: Disponível em: < <http://www.mtg.org.br>>. Acesso em: 30 de novembro de 2014.

⁹ Site do Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore: Disponível em: <http://www.igtf.rs.gov.br/?page_id=22> Acesso em: 30 de novembro de 2014.

E a escola? Pode ser considerada uma instituição de cultivo as tradições? O movimento tradicionalista começou dentro de uma escola, a partir da iniciativa dos estudantes de realizarem uma Ronda Crioula para cultivar as tradições deste estado. Mas atualmente em quê a escola tem contribuído para a difusão da cultura sul-rio-grandense? Eu realmente gostaria que a escola fizesse parte das instituições que ensinam a cultura gaúcha, visto que o movimento surgiu dentro de uma delas. Contudo, nos dias de hoje, de modo geral a escola não exerce esse papel, conforme afirma Cortes (1981) quando afirma que:

[...] nós não reconhecemos nem o que vestimos, nem o que comemos, nem o que cantamos ou dançamos. Isto porque nós não recebemos na escola de 1º e 2º graus instrução sobre as coisas tradicionais do Rio Grande do Sul” (CORTES, 1981, p.22).

2.2. As diferentes formas de manifestação da cultura gaúcha

A linguagem do gaúcho é muito peculiar. Através dela a identidade regional é manifestada o tempo todo, mesmo sem nos darmos conta. Se analisarmos o sotaque, as vogais fortes, a musicalidade das frases, entenderemos que a beleza do Rio Grande do Sul é resultante, em boa parte, da riqueza semântica e fonética expressa na fala dos gaúchos (LESSA, 2005). Há tanta diversidade na linguagem dos sul-rio-grandenses que existe um dicionário próprio com expressões e palavras ditas pelos gaúchos, chamado “Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul”, que possui 552 páginas. Foi escrito por Zano Cardoso Nunes e Rui Cardoso Nunes, publicado pela editora Martins Livreiro, em 1982, estando atualmente em sua 12ª edição.

A Culinária é outro elemento cultural importante da cultura gaúcha. Há diversos aperitivos, acompanhamentos e temperos publicados no livro “Comida Gaúcha: cozinhando com mestre Leite”. A comida mais característica do Rio Grande do Sul é o Churrasco. Outros pratos bastante conhecidos são o arroz de carreteiro, o arroz com linguiça (arroz de china pobre) e arroz com galinha, feijão mexido, quibebe, mocotó e puchero. As sobremesas mais conhecidas são ambrosia, arroz com leite, doce de abóbora e sagu com vinho. As bebidas mais características são o chimarrão, o café de chaleira e o quentão gaúcho (LEITE, 1995).

O Chimarrão é um hábito herdado dos indígenas que habitavam o Rio Grande do Sul. É a bebida símbolo dos gaúchos, tomada em uma cuia de porongo, onde se coloca a erva-mate, a bomba e água quente. O chimarrão é sinônimo de hospitalidade. Nas rodas de chimarrão, seja no núcleo familiar ou entre amigos, o mate desempenha a função de

agregador, colocando todos sentados em uma roda para conversar e contar histórias. Para os que mateiam sozinhos, o chimarrão é uma companhia que acalenta a alma nos dias frios de inverno.

As lendas também assumem papel marcante na cultura oral sul-rio-grandense. Léia Cassol publicou em 2012 o livro infanto-juvenil “Um quero-quero me contou”, onde constam algumas das principais lendas gaúchas: A Lenda da Erva-Mate, Negrinho do Pastoreio, Sentinela dos Pampas, M’boiguaçu, O Bicho Folharal e Lenda do rabo do cachorro.

A música é um elemento fundamental em todas as culturas por ser uma das mais belas formas de expressão criada pelo ser humano. Ela canta e conta a história do seu povo, mostrando as singularidades e perspectivas de mundo dos sujeitos. Sobre o valor social da música Maffioletti (2008) afirma que:

Se considerarmos a cultura como um “conjunto de significações produzidas pelo homem”, a música que permeia as relações sociais pode ser encarada como portadora de significados e dotada de forte valor cultural, sendo até mesmo possível conhecer a sociedade a partir dela. (MAFFIOLETTI, 2008, p.4)

No início do Tradicionalismo Gaúcho, em 1947, não havia grande repertório no cancionário gaúcho. A tradição oral na cultura sul-rio-grandense sempre foi muito presente através da contação de lendas e causos. Havia poucos compositores da música regional e apenas uma canção folclórica conhecida: Boi Barroso (LESSA, 2005). Iniciaram-se as pesquisas realizadas por Paixão Cortes e Barbosa Lessa pelo estado em busca de canções folclóricas.

O Tradicionalismo começou a ser difundido na sociedade e a música e o cancionário gaúcho foram sendo criados através de figuras marcantes na história da música regional gaúcha. Esse período teve início com Pedro Raimundo, acordeonista natural de Santa Catarina, que veio morar em Porto Alegre em 1929. Foi autor da música “Adeus Mariana”, gravada em 1943, que até hoje é conhecida. Naquele tempo surgiu o trovador e cantor Gildo de Freitas, em Porto Alegre. Ao mesmo tempo se torna conhecido um dos maiores cantores gaúchos: Teixeira, autor de Querência Amada, considerada quase um segundo hino do estado, e de Tordilho Negro. Teixeira gravou 49 discos, num total de 700 músicas. Em

1955 os dois se encontraram e ficaram conhecidos pela disputa de trovas nas suas canções. Teixeira, ao violão, fazia dupla com Mary Terezinha, que era gaiteira.

Começam a surgir grandes duplas; algumas delas viraram conjuntos musicais. Em 1955 Adelar e Honeide Bertussi formam o grupo “Os Bertussi”, que tem gravadas cerca de 250 canções. Em 1958 o gaiteiro Albino Manique forma dupla com Francisco Castilho, que, incorporando outros integrantes, originaram o grupo “Os Mirins”. Edson Becker Dutra e Frutuoso Luis de Araújo, ambos nascidos em Bom Jesus, formam uma dupla e gravam o primeiro disco em 1969. Logo em seguida, formam o grupo “Os Serranos”. Gildinho e Chiquito trabalharam animando pequenos bailes na região do Alto Uruguai nos anos 60, apresentando diariamente na Rádio Erechim o programa "Assim canta o Rio Grande". Em 1972 o nome da dupla foi alterado para “Os Monarcas”, e novos músicos foram incorporados ao agora então grupo. Em 1974 gravaram o álbum Galpão em Festa, seu primeiro LP, com doze canções.

Os conjuntos musicais se fortaleceram com os bailes gaúchos realizados nos CTGs. Em paralelo a isso, surge outra vertente musical no cenário da música gaúcha. A música nativista é criada com o intuito de enriquecer ainda mais o cancionário gaúcho.

A música nativista surgiu em 1970 com a criação dos Festivais, tendo como principal deles “Califórnia da Canção”, de Uruguaiana. Os idealizadores deste festival buscavam uma inovação estética à música regionalista. A qualidade musical se tornou o objetivo principal deste gênero musical. As letras, assim como na música regionalista, continuaram a falar do universo cultural sul-rio-grandense, agora de uma forma mais poética, com bons arranjos e bons intérpretes. Nos festivais nativistas as músicas eram divididas por temáticas que caracterizam o modo de ser e viver do gaúcho, como explica Marcon:

No caso da Califórnia, foram criadas “linhas”; isto é, de acordo com a temática da canção, ela poderia ser classificada como de “linha campeira”: a que se identifica com o homem, o meio, os usos e costumes do campo no RS; “linha de manifestação rio-grandense”: a que enfoca outros aspectos sócio culturais e geográficos do RS não limitados estritamente à “linha campeira”; e a “linha de projeção folclórica”: a que, partindo das demais, se projeta com o sentido de universalidade artística em termos de tratamento poético-musical. (MARCON, 2011, p. 7)

Estes festivais aconteciam por toda a região Sul; foram registrados mais de 50, contabilizando os festivais dos três estados. O “Califórnia da Canção” teve sua última edição

em 2002, mas deixou um legado eterno no cenário musical gaúcho. A música regionalista atualmente continua a tocar nos bailes dos CTGs, as bandas deste gênero continuam a fazer shows e gravar DVDs, difundindo através da música a paixão pelo tradicionalismo gaúcho.

2.3. A indumentária

A indumentária é outro elemento que marca a identidade cultural do gaúcho. Entendo a indumentária como patrimônio social que define quem é o gaúcho em cada período histórico, falando do clima e da economia. De acordo com Fagundes (1994), para estudar um grupo social é imprescindível pesquisar a maneira como ele se veste. Zatterra afirma que “o homem do Rio Grande do Sul adaptou sua vestimenta baseado em seu tipo de vida e necessidades” (ZATERRA, 1995, p. 16). A seguir abordarei os principais modos de vestir dos gaúchos, em uma divisão de quatro grandes épocas.

2.3.1. Traje indígena (1620 – 1730)

Em um primeiro momento o gaúcho foi um índio caçador de gado que vivia livremente pelo pampa. A indumentária acompanhava seu espírito de liberdade. Seu traje era simples, livre e não tinha nada preso ao corpo. O traje da mulher indígena é o “tipoy”, uma camisa de dois panos costurada na lateral com abertura para cabeça e braços, cujo comprimento ia até os joelhos. O traje do homem era um chiripá-saia, chamado também de chiripá primitivo, e um lenço na testa.

2.3.2. Traje Gaúcho (1730 – 1820)

Com a chegada dos Europeus a vestimenta do gaúcho, assim como seus hábitos, foi se modificando. O gaúcho estancieiro traja-se ao estilo europeu, com as Bragas (calças largas e curtas, ceroula de crivo). Vestia também a bota de garrão de potro, cinturão-guaiaca¹⁰, o lenço de pescoço, o pala indígena. A mulher estancieira utilizava botinhas fechadas, meias de seda ou algodão, longos vestidos de seda ou veludo, xale, joias e leque. Seus cabelos ficavam presos com fitas e flores.

¹⁰ Cinturão-guaiaca é o cinto do gaúcho com repartições para colocar moedas e uma faca.

O homem rural trabalhava na lida do campo, então sua vestimenta não podia atrapalhá-lo. Usava chiripá primitivo, pala com abertura na cabeça, faixa na cintura para colocar moedas e suas armas. A camisa era de algodão e as botas, de garrão-de-potro¹¹. As esporas mais comuns nessa época eram as nazarenas e as chilenas. O chapéu era de palha ou couro-cru. A mulher rural usava saia rodada de tecido de lã leve e cor escura, por baixo usava as bombachinhas. A camisa era de cor clara e de algodão. Os pés ficavam descalços e os cabelos soltos ou com tranças.

2.3.3. Traje Gaúcho (1820 – 1865)

O traje feminino, tanto das mulheres ricas quanto das pobres, era composto por saia comprida com meias por baixo e um casaquinho discreto com rendas. Os sapatos eram fechados e discretos. As solteiras usavam cabelo solto ou trança e as casadas, um coque. Como acessórios utilizavam joias e fichu no pescoço (triângulo de seda ou crochê preso com um broche).

Neste período, o chiripá masculino teve uma mudança e substituiu o anterior. Passou a ser usado como uma grande fralda passada por entre as pernas, pois era melhor para cavalgar. O homem usava camisa de gola sem botões, faixa ou guaiaca na cintura. As botas eram rosilhonas (inteiras) ou de garrão (meio pé). O lenço utilizado no pescoço era de seda nas cores vermelho ou branco. Usava um pala ou poncho para se proteger do frio e o chapéu de palha ou de feltro com barbicacho.

2.3.4. Traje Gaúcho (1865 – até os dias atuais)

Esta fase é marcada pelo surgimento da Bombacha, a partir dos Turcos, que chegam ao Brasil na guerra do Paraguai (1864-1870). As bombachas de favos são largas abotoadas no tornozelo, com dois bolsos grandes nas laterais e de cores escuras. À cintura utiliza-se a guaiaca. A camisa é de um pano só, no máximo de pano riscado. Utiliza-se também o colete. O lenço do pescoço é peça fundamental; as cores mais tradicionais seguem o branco e vermelho. Usa-se o chapéu em lugares abertos e esporas nas botas, que devem ser preferencialmente nas cores preta ou marrom. Nos dias frios e chuvosos utiliza-se o poncho.

¹¹ Bota confeccionada a partir do couro do gado e adaptada à perna de quem vai usar, ficando os dedos de fora.

O vestido de prenda pode ser inteiro e cortado na cintura, de cadeirão (cintura baixa) ou corte princesa (cintura alta). Seu comprimento deve ir até o peito do pé. Pode ter babados, mangas longas ou três quartos e o decote deve ser pequeno. Os Tecidos devem ser lisos ou com estampas delicadas; tecidos brilhosos não são permitidos. As prendas acima de 18 anos podem usar saia e blusa ou saia e casaquinho. A saia de armação é usada por baixo do vestido e deve ser de comprimento inferior a ele. A bombachinha branca é usada abaixo da saia de armação e vai até abaixo do joelho; utiliza-se também meia-calça branca ou bege. A sapatilha é de couro com tira sobre o peito do pé, nas cores preto, marrom ou bege; botinhas também podem ser utilizadas. Os acessórios e a maquiagem devem ser discretos. O cabelo pode ser solto, preso ou com tranças, ou enfeitado com flores naturais ou de pano. Para proteger-se do frio a prenda utiliza xale e fichu.

A Pilcha não é uma fantasia, tampouco é a roupa típica do caipira. Ela é uma importante marca de identidade dos gaúchos. A cultura, por ser viva, modifica-se constantemente. O trajar gaudério foi sendo adaptado ao modo de viver do gaúcho, que se modificou. Hoje em dia, salvo exceções, os gaúchos não mais utilizam esses trajes diariamente. Na época atual os trajes são usados para apresentações de danças de projeções folclóricas, em bailes gaúchos, desfiles do dia 20 de setembro e outras ocasiões. Pode-se inclusive utilizá-los em eventos sociais, tendo em vista que por lei é considerado um traje de gala.

A indumentária caracteriza o gaúcho, mas isso não significa que se não usarmos a pilcha seremos menos gaúchos. Não é uma fantasia que se coloca para ser um personagem e, quando tirada, torna quem a utiliza uma pessoa comum. Sobre este aspecto Cortes (1981) afirma que “podemos viver um momento tradicionalista de calção ou de smooking; tradicionalismo não se manifesta exclusivamente na forma de ser, mas principalmente na de sentir, de viver” (CORTES, 1981, p.12).

2.4. As Danças Gaúchas

Há duas categorias de Danças que constituem a Cultura Gaúcha. São elas: danças gaúchas de salão e danças de projeção folclórica. Há dois manuais, um para cada categoria de dança, que explicam sua história, origens e o passo-a-passo de cada dança. O primeiro manual foi escrito por Barbosa Lessa e Paixão Cortes e tem o nome de “Manual de Danças

Gaúchas”. As danças contidas nesse manual surgiram em decorrência da pesquisa realizada por eles. Barbosa Lessa e Paixão Cortes (1958) afirmam que:

As danças que apresentamos neste Manual estão impregnadas do verdadeiro saber crioulo do Rio Grande do Sul, são legítimas expressões da alma gauchesca. Em todas elas está presente o espírito de fidalguia e de respeito à mulher, que sempre caracterizou o campesino rio-grandense. Todas elas dão margem a que o gaúcho extravase sua impressionante teatralidade. (LESSA e CÔRTEZ, 1958, p.17)

São divididas didaticamente no manual entre danças sem sapateado e com sapateado. As danças sem sapateado são: Chimarrita, Pezinho, Caranguejo, Cana-verde, Maçanico, Quero-Mana, Rilo, Meia-Canha, Chote de Duas Damas, Rancheira de Carreirinha, Terol, Meu Cabelo, Pau-de-Fita e Polquinha. As danças com sapateado são: Tirana do Lenço, Anú, Balaio, Tatu, Chimarrita-Balão, A Chula e Balaio. Os autores afirmam que essas danças são gaúchas, não porque tivessem se originado inteiramente no ambiente campeiro, mas porque o gaúcho – recebendo-as de onde quer que fosse – deu-lhes música, detalhes, colorido e alma nativa (LESSA e CORTES, 1958, p. 17).

O segundo manual tem o título de “Compêndio técnico ilustrativo de danças gaúchas de salão” e foi organizado por Suzana Schwuchow e publicado pelo MTG. As danças gaúchas de salão são também chamadas de “Danças de Fandango” ou “Danças de Baile”. São tocadas em bailes gaúchos e não requerem um ensaio prévio ou a inserção em uma invernada ou grupo de danças. Basta aprender o passo e treinar com seu par. Estas danças são ensinadas nos Cursos de Danças Gaúchas de Salão, que têm duração de aproximadamente três meses e são abertos a todas as idades e públicos. De acordo com MTG (2008), as danças gaúchas de salão são: Polonaise, Marcha, Contrapasso, Bugiu, Polca, Vaneira, Rancheira, Milonga, Chamamé, Valsa e Mazurca.

3. DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A escola é um ambiente propício para a difusão da cultura gaúcha. As práticas pedagógicas realizadas nela são decisivas para a construção da identidade cultural da criança. Entendo a Escola de Educação Infantil como um importante espaço formador da cultura e ensino da arte. Entretanto, questiono-me se as escolas realmente estão contribuindo para a formação da identidade cultural gaúcha das crianças.

O presente capítulo tem por objetivo fundamentar minha opção pela realização desta pesquisa na área da Educação Infantil. Com base nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil encontro sustentação para defender a dança e o tradicionalismo como uma das possibilidades de prática pedagógica na Educação Infantil.

A Educação Infantil, compreendida como creche e pré-escola, é a primeira etapa da Educação básica que atende a crianças de 0 a 5 anos de idade em instituições públicas e privadas. Esta é uma fase muito importante para o desenvolvimento físico, cognitivo e psicológico do indivíduo. É o momento da socialização e de aprendizagens culturais necessárias à convivência em grupo. Tendo isso em vista, o Ministério da Educação, juntamente com a Secretaria da Educação Básica, fixaram as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, para assegurar uma educação de qualidade a todas as crianças.

As diretrizes definem que as práticas pedagógicas na Educação Infantil devem favorecer a imersão das crianças às diferentes formas de expressão e linguagens verbal, gestual, plástica, dramática e musical. Definem também que as práticas “promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura” (BRASIL, 2010, p. 26).

As diretrizes também definem que as experiências curriculares na Educação Infantil “propiciem a interação e o conhecimento pelas crianças das manifestações e tradições culturais brasileiras” (BRASIL, 2010, p.27). Dessa forma, possibilitarão que as manifestações regionais alarguem seus padrões de identidade e conhecimento da diversidade cultural a partir de vivências éticas e estéticas com outras crianças.

A Lei nº 12.287/2010, que altera a Lei nº 9.394/1996 (Lei que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no tocante ao ensino da arte), determina no 2º inciso do artigo

26 que: “O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”.

Dessa forma, defendo o ensino de danças gaúchas especialmente para a primeira etapa da Educação Básica. Acredito que a dança gaúcha deve fazer parte do currículo da Educação Infantil como forma de ensino da arte, visto que se refere a uma das manifestações culturais regionais mais características do Rio Grande do Sul. A escola deve incentivar seus alunos a dançar, haja vista que esta prática é indispensável para reforçar laços de amizade, fortalecimento do grupo, construção da identidade e para a socialização. Vargas (2007) afirma que:

A dança também proporciona um bom relacionamento social, estabelecendo laços de solidariedade humana, desenvolvendo a mentalidade democrática e união. Em seu aspecto folclórico celebra origens nacionais, expressa e perpetua a cultura de um povo, assegurando seu lugar na prática educativa na escola. Uma dança em conjunto oferece aos aprendizes a experiência de ver como as pessoas se adaptam entre si e como podem auxiliar-se mutuamente”. (VARGAS, 2007, p. 58)

Considerando o contexto atual das crianças que frequentam a Educação Infantil e as oportunidades de desenvolvimento e formação, as colocações de Vargas (2007) fazem muito sentido.

3.1. A Dança como socialização

A dança é uma forma de manifestação cultural e de socialização. Não existe povo sem dança. A dança marca as tradições, as crenças e os valores de um povo. A dança faz parte da vida; dançar é viver. Garaudy (1980) afirma que:

A dança é um modo de existir. Não apenas um jogo, mas a celebração, participação e não espetáculo, a dança está presa à magia e à religião, ao trabalho e à festa, ao amor e à morte. Os homens dançaram todos os momentos solenes de sua existência: a guerra e a paz, o casamento e os funerais, a sementeira e a colheita. (GARAUDY, 1980, p.13)

No prefácio do livro “Dançar a Vida”, Maurice Béjart (1980) descreve uma situação que vivenciou em uma ilha do Mediterrâneo Oriental, onde esteve de férias por algumas semanas. De acordo com ele, ao fim do dia, camponeses e pescadores reuniam-se na praça. Quando a noite caía, as pessoas começavam a conversar. Rapidamente o tom de voz se elevava, ocorriam incompreensões, brigas e um grande desentendimento tomava conta do ambiente. No dia seguinte, quando perguntados sobre o acontecido, eles respondiam que trocaram palavras e se desentenderam, pois para cada um deles as palavras possuíam diferentes significados.

Em outra noite, reunidos na mesma praça, ao cair da noite um homem levantou-se e começou a dançar. Outro levantou e o acompanhou, e assim sucessivamente. Aquele grupo que ao trocar palavras dividia-se, na dança entrava em comunhão total.

As crianças quando pequenas não se manifestam apenas pela linguagem verbal. Manifestam-se de variadas formas, principalmente através da fisionomia e expressão corporal. É fácil perceber quando uma criança está alegre: ela sorri, pula, corre, dança e quando está triste permanece retraída, com a expressão fechada e o corpo encolhido. Dançar permite à criança se expressar, extravasar, liberar energias de modo criativo e inclusive contribui para o equilíbrio emocional, pois a dança alegra o ambiente e contagia a todos. A partir da dança a criança abre-se para o outro.

Sendo assim, defendo que dançar deve ser uma prática pedagógica recorrente nas escolas de educação infantil. A meu ver, as escolas de Educação Infantil precisam se diferenciar das escolas de Ensino Fundamental, muitas vezes engessadas em padrões convencionais. Nas escolas em geral, há uma ideia errônea de que é preciso aprender somente conteúdos teóricos e desenvolver os aspectos cognitivos dos alunos. O corpo é valorizado apenas nas aulas de educação física, que geralmente acontece somente uma vez por semana. Porém, a criança está em desenvolvimento constante e não é constituída apenas pelo cérebro e neurônios. Sendo assim, o corpo também precisa ser desenvolvido e, através da dança, aspectos como a coordenação motora, equilíbrio, lateralidade ocorrem de forma lúdica e descontraída. A criança que dança desenvolve tanto a sociabilidade quanto questões corporais de forma prazerosa, brincando e se divertindo.

Béjart (1980) afirma que:

[...] dançar é tão importante para uma criança quanto falar, contar ou aprender geografia. É essencial para a criança que nasce dançando não desaprender essa linguagem pela influência de uma educação repressiva e frustrante (BÉJART, 1980, p. 10).

Ao dançar a criança situa seu corpo no espaço, aprende a se posicionar, se desinibir e locomover-se na relação com os outros. Essas aprendizagens são essenciais a qualquer área do conhecimento.

A dança é uma arte, é uma forma de expressão. Ela possibilita um universo de explorações. Com base na literatura sobre a importância da dança na formação do ser humano, considero de fundamental importância que os educadores proporcionem momentos de dança para seus alunos pequenos. Precisamos oportunizar a eles estas atividades corporais, musicais e de movimento que são muito apreciadas desde a infância até a vida adulta.

3.2. A Dança como Prática Pedagógica

Para dançar utilizamos cinco canais de percepção. O primeiro é o ouvido; o segundo canal de percepção é o sentimento; o terceiro é o movimento, o quarto é a coordenação do movimento e o quinto canal é a projeção do movimento. Antes de qualquer coisa precisamos ouvir a melodia, depois disso transformamos em movimento aquilo que estamos sentindo. Através do treino coordenamos os nossos movimentos no ritmo da dança. Repetimos o movimento diversas vezes para aperfeiçoar detalhes como a noção espacial, alinhamento e postura. Quando os movimentos se tornam conhecidos e são executados naturalmente acontece uma entrega de corpo e alma à dança. (MTG, 2008).

Como ensinar as crianças a dançar? A dança com crianças não visa à perfeição. Não devemos ensaiar exaustivamente com eles ao ponto de os movimentos de todos os pares serem perfeitamente sincronizados. A dança com crianças devem acontecer de forma lúdica e espontânea, com leveza e diversão. Certamente devemos ensinar os passos e movimentos, mas precisamos respeitar o nível de desenvolvimento e o ritmo de cada criança.

Vargas (2014) afirma que:

Desenvolver a dança na Educação Infantil, como prática pedagógica formativa, não significa buscar a perfeição ou a execução de danças espetaculares e brilhantismos isolados, levando em conta somente a estética, a beleza plástica e a descoberta de

talentos. Significa proporcionar que o contato com a linguagem corporal e gestual da dança ajude as crianças a se desenvolver pelo movimento e pela criação. O objetivo dessas atividades é a sensibilização e a conscientização das crianças quanto às suas posturas, atitudes, gestos e ações cotidianas e quanto às possibilidades de expressarem seus sentimentos, criarem diferentes movimentos, conviverem sadiamente e interagirem, ressaltando-se a importância do processo educativo como tal e não da prática da dança com um fim em si mesma. (VARGAS, 2014, p. 237)

Minha mãe foi instrutora de danças gaúchas por cinco anos em um CTG da cidade de Esteio. As crianças tinham entre 2 e 5 anos de idade. Segundo seu depoimento, os ensaios tinham duração de 1h e eram realizados uma vez por semana. Para realizar uma apresentação ensaiavam por aproximadamente três meses. Contudo, não havia pressão sobre as crianças de ter que ensaiar exaustivamente até atingir a perfeição – prática que é recorrente em algumas escolas de Educação Infantil nos preparativos das apresentações alusivas às datas comemorativas. Esse tipo de atitude é um estímulo negativo, levando em consideração que o mais interessante é o processo e não o resultado final. A apresentação é, sem dúvida, um grande desafio para as crianças, pois envolve fatores como a socialização e a superação da timidez. Tendo isso em vista, não é recomendável submeter as crianças a ensaios torturantes em prol de uma apresentação brilhante. Uma apresentação deve ser uma mostra de tudo o que foi construído pelo grupo e não um show.

A internada do CTG acima referido ensaiava as danças mais simples, como maçanico, xote de quatro passi, polonaise e valsa. Segundo a instrutora, essas danças eram mais fáceis para as crianças porque não exigiam grandes deslocamentos pelo espaço, pois são dançadas em fila.

Primeiramente uma prenda e um peão adultos dançavam para as crianças a música que eles iriam aprender. Após observarem o casal, a instrutora ensinava o passo, sem a música, e executava-o junto com as crianças, narrando a sequência em voz alta para guiá-las. Depois de treinar o passo algumas vezes, a música era posta e as crianças precisavam adequar o movimento aprendido ao ritmo da música. Em seguida, repetia-se o movimento com música para aperfeiçoá-lo. Uma dica importante era colocar um peão e uma prenda que estivessem em níveis de aprendizado distintos, pois assim o que sabe mais ajuda o outro e o conduz.

As crianças pequenas têm bastante dificuldade no tocante à lateralidade e em situar-se no espaço. Amarrar uma fitinha no pulso é bastante útil para auxiliar as crianças na questão da lateralidade. Podemos amarrar uma fita no pulso direito, por exemplo, e toda vez que o movimento for para o lado direito ou com o pé direito pedimos às crianças que se

movimentem para o lado da mão com fitinha. Uma corda no chão também é uma boa dica para delimitação do espaço e marcação de posicionamento. A música e a dança auxiliam a criança a se organizar no espaço. Sobre esse aspecto, Maffioletti (2012) afirma que:

Cantar e reproduzir ritmos ajuda enormemente a compreensão das crianças, porque a estrutura espaço-temporal é vivida nos movimentos do corpo. Esta é a experiência primordial. Se a criança brincou de roda com seus amigos, então aprendeu a deslocar-se para cá e para lá, para frente e para atrás. Aprendeu a dar passos para a esquerda e para a direita, encontrar o par de dar voltas sobre si mesmo, reiniciando com movimentos para a direita. É assim que se aprende uma coreografia folclórica, cuja estrutura será mais tarde necessária para apoiar as coordenações do pensamento. (MAFFIOLETTI, 2012, p.11-12)

Vargas (2014) sugere atividades para exploração de diferentes ritmos. Escutar músicas com diferentes ritmos é fundamental. Também é possível bater palmas nos diferentes tempos da música (mais forte ou mais fraco), caminhar, marchar tanto individualmente quanto em duplas ou grupos. Com relação à noção espacial, a autora sugere que as crianças se desloquem pelo espaço, para frente, para os lados, para trás, em diagonal, em círculos. Isso pode ser feito com as crianças sozinhas ou em duplas e trios.

Para fazer algo bem feito é preciso gostar daquilo que se está fazendo e realizá-lo com dedicação. Ensinar a dançar não é diferente. A dança como uma prática pedagógica na Educação Infantil precisa ser planejada com antecedência e com carinho, pensando em possibilidades que sejam adequadas a cada faixa etária. Ensinar dança para crianças pequenas não é nenhum “bicho papão” e, além de todos os motivos elencados anteriormente, acredito que devemos fazer isso simplesmente porque as crianças merecem viver a experiência de aprender a dançar.

4. MINHAS NARRATIVAS

Neste capítulo expressarei alguns momentos marcantes que vivi, relacionados à cultura gaúcha e ao ensino de dança.

4.1. O Gaúcho e o Caipira

O enfraquecimento de uma cultura faz com que o povo daquela determinada região perca sua identidade, sua essência. A cultura gaúcha tem influências de outros povos, assim como a cultura brasileira. A cultura gaúcha foi lapidada/polida, não é uma cultura inventada nem copiada. Nossa cultura tem influência indígena, italiana, alemã, açoriana, argentina, uruguaia, entre outras. Esse encontro de povos deu origem à cultura gaúcha, cuja marca é a diversidade.

No momento em que nossa cultura não é difundida nem estudada nas escolas, acontece um grande equívoco e ela pode a ser distorcida. Nossa cultura é rica e diversa, regida por um conjunto de tradições, de elementos culturais como, por exemplo, as danças, comidas típicas, chimarrão, vestimentas, usos e costumes em geral.

Decidi problematizar as festas populares, que são reproduzidas na escola sem a devida reflexão sobre a origem e natureza dos festejos: a festa junina e a festa farroupilha. A primeira ocorre em junho, vinda do nordeste/norte, e tem como personagem central o caipira. Esta é uma figura bem marcada, que utiliza como vestimenta calças remendadas, camisa xadrez, chapéu de palha e bigodinho. A caipira também tem traços bem marcados, utiliza vestido curto na altura do joelho, estampado e bem florido ou então xadrez. Usa como penteado duas trancinhas e tem seu rosto marcado por uma bochecha rosada com pintinhas. Além disso, a fala é marcada pela pronúncia retroflexa do R, diferente da pronúncia gaúcha, que é marcada pelo R vibrante devido à influência espanhola.

A Semana Farroupilha é uma festa típica do Rio Grande do Sul. É realizada em setembro, dos dias 13 ao dia 20. Tem trajes e personagens bem marcados. Os personagens principais são o “peão” e a “prenda”, nomenclatura dada às figuras masculina e feminina, respectivamente. A vestimenta do peão é composta por uma calça chamada bombacha, camisa social lisa e em cor discreta, colete, lenço vermelho no pescoço, cinta de couro chamada “guaiaca” e bota de couro. A vestimenta da prenda é composta por vestido longo até a altura do tornozelo, saia de armação, meia-calça, bombachinha e sapatilha.

Estas duas festas são marcas de culturas diferentes, que no caso da festa junina foi incorporada à cultura gaúcha de tal forma que está inserida nas escolas públicas e privadas. Ao longo de minha trajetória escolar sempre participei de festa junina, devidamente trajada como caipira, e não como prenda, visto que participava de CTG e sempre soube que são culturas e festas completamente diferentes.

Contudo, percebo que para a maioria das pessoas essa diferença não estava clara. Na festa junina é comum vermos, além dos caipiras, crianças vestidas com trajes de prenda e peão. O problema maior é quando mesclam os dois personagens, vestindo o menino de bombachas, botas e chapéu de palha com bigodinhos; a menina mistura trancinhas e pintas pretas na bochecha com o vestido de prenda.

Paixão Cortes lutou insistentemente para que os gaúchos festejassem São João à moda gaúcha, mas creio que sua ideia perdeu para a força da tradição cultural difusa que aos poucos se instalou nas escolas.

Pensando sobre isso, a partir de minha vivência escolar como aluna e como professora, observei que as escolas não costumam montar piquetes e desenvolvem festas alusivas aos festejos farroupilhas. A nossa cultura é pouco valorizada dentro da escola. Em consequência disso, não há oportunidade para a criança que tem a pilcha, mesmo não participando de CTG, de utilizá-las. Sendo assim, ela usará esses trajes na única festa promovida pela escola – a festa junina. Essa atitude causa enorme confusão nas crianças, que acabam misturando as tradições, desconhecendo os valores, hábitos e costumes de seus antepassados e desconhecendo a origem de sua própria cultura.

Acredito que o principal motivo para a realização da festa junina por parte das escolas seja para arrecadar fundos, visto que os alunos doam brindes para as barraquinhas, que cobram um valor que é revertido para a escola. Há também a venda de comidas baratas, como, por exemplo, a pipoca, que é barata e rende muito, revertendo dinheiro para a escola. Inclusive no mês de junho são realizadas gincanas entre as turmas alusivas à festa de São João. Há um motivo forte de “recreação” que sustenta e apoia as intenções da escola, que se aproveita do espírito lúdico.

O mesmo incentivo e valorização da cultura não ocorre na semana farroupilha. O costume das escolas em que eu estudei e trabalhei era incentivar os alunos que têm a indumentária a irem vestidos a caráter durante a semana. Mais uma vez a confusão aparece. Como as crianças não são incentivadas pela escola e tampouco pela família, vão à escola, principalmente as prendas, com vestidos de São João, que são mais acessíveis e baratos. Ouvi o relato de uma mãe que dizia que ficava com pena de comprar o vestido de prenda que era caro e logo deixaria de servir. Nesse ponto, concordo com ela. O vestido será usado uma vez e depois deixará de servir, pois não há difusão das danças tradicionais gaúchas dentro da escola.

Barbosa Lessa (1954) apresenta argumentos sobre esse fato em sua tese *O sentido e o valor do tradicionalismo*, explicando que a cultura de um povo recebe interferências de outras culturas e quando isso acontece há dois caminhos. O que vai definir se esta troca enriquecerá ou destruirá o patrimônio cultural de um povo é se sua cultura é bastante sólida ou se está enfraquecida. A primeira opção é se o patrimônio cultural daquele povo é sólido e há interferência de outros hábitos e costumes, se acontece uma rica troca saberes e o povo escolhe que elementos novos irá incorporar. Porém, a segunda alternativa é quando a cultura está enfraquecida e a “cultura invasora” acaba se sobrepondo e gerando uma grande confusão. A cultura local precisa ser forte o suficiente para não ser sobreposta e não acontecer esta distorção que vem ocorrendo. Concordo com Lessa quando afirma que:

Se, porém, a cultura invadida não é predominante e forte, a confusão social é inevitável: ideias e hábitos incoerentes sufocam o núcleo cultural, desnortando os indivíduos, e fazendo-os titubear entre as crenças e valores mais antagônicos. Quem mais sofre com essa confusão social – acentua o sociólogo Donal Pierson – são as crianças e os adolescentes, os responsáveis pela sociedade do porvir. (LESSA, 1954, p.3-4)

O que me move a escrever este trabalho é justamente o orgulho que tenho pela cultura gaúcha, orgulho que grande parte dos gaúchos também compartilha. Porém, me faço o seguinte questionamento: de que forma nós, gaúchos, que nos orgulhamos tanto de pertencer a este lugar, estamos contribuindo para a manutenção do patrimônio cultural gaúcho? E mais ainda, de que forma os professores e a equipe diretiva das escolas – que carregam consigo este orgulho expresso na bandeira rio-grandense (“sirvam nossas façanhas de modelo a toda terra”) e que entoam o hino do estado do Rio Grande do Sul com mais respeito e amor que o próprio hino nacional – estão contribuindo para difundir e manter vivas as tradições gaúchas? Estaria havendo um descomprometimento da escola para com os valores da tradição gaúcha? A quem cabe o trabalho educativo que envolve a manutenção da tradição?

Muito se fala em orgulho gaúcho, em “bairrismo” e pouco se vê na prática isso acontecendo. Elencarei alguns dos motivos que acredito serem relevantes: falta de conhecimento dos professores sobre a cultura gaúcha, falta de estudo, falta de formação nas universidades. No curso de pedagogia não há nenhuma disciplina que ensine a dar aula para crianças sobre a cultura gaúcha. Tudo o que eu sei aprendi no CTG. Porém, minhas colegas de

formação não tiveram a mesma sorte, e então como farão para trabalhar a cultura gaúcha com seus alunos? Precisarão aprofundar seus conhecimentos para além da dança do pezinho.

O curso de pedagogia deveria formar melhor seus alunos nesse sentido, porém isso não vem ocorrendo. Contudo, os professores vivem em constante processo de formação e não podem se acomodar. De que adianta dizer que tem orgulho de ser gaúcho e não conhecer a cultura pela qual sente orgulho? E não fazer nada para perpetuá-la? A cultura é parte da vida; o que significaria abandonar a tradição? O que se perde juntamente com essa falta de valorização?

Outro grande impasse que vivenciei em uma escola está relacionado à fala de uma professora de educação infantil que dizia não estudar a cultura gaúcha com seus alunos porque considerava irrelevante trabalhar as datas comemorativas com as crianças. A cultura não pode ser ensinada em apenas uma semana e no restante do ano não ser mencionada. Este conteúdo vai além de uma data comemorativa, trata-se da história de um povo, de sua cultura e de seus hábitos, não pode ficar restrito a acontecer do dia 13 ao 20 de setembro, para depois dessa data retomar o projeto escolar antigo e não se falar mais sobre a cultura gaúcha.

Defendo a presença da cultura gaúcha distribuída ao longo do ano, a partir de uma prática pedagógica diversificada, em que se trabalhem os valores e práticas que caracterizam o gaúcho independentemente do período estabelecido oficialmente.

4.2. Tradicionalismo como Marketing

Quando me mudei da cidade de Esteio para Porto Alegre, em 2011, mesmo ano em que entrei no curso de Pedagogia da UFRGS, comecei a ter de fazer observações e estágios de duas semanas em escolas da rede pública ou privada. Contudo eu não conhecia as escolas desta cidade e tampouco as escolas me conheciam.

Decidi então dar continuidade ao trabalho voluntário que meus pais realizavam na minha cidade natal, Esteio. Por 15 anos, eles, como tradicionalistas, se dedicaram voluntariamente a dar aulas de danças gaúchas nas escolas do município de Esteio.

Elaborei um projeto explicando que o objetivo seria desenvolver um trabalho voluntário, uma vez por semana, que envolveria o ensino de danças gaúchas, brinquedos e brincadeiras folclóricas, contação de histórias e de lendas gaúchas, entre outras atividades. Fui a seis escolas, quatro estaduais e duas particulares, que ficam próximas a minha casa, me

apresentar e entregar o projeto para a direção. Todas elas disseram que iriam estudar o projeto e entrariam em contato comigo. Porém, somente duas escolas privadas entraram em contato.

Próximo à semana farroupilha, a escola A me telefonou para que eu fosse até lá conversar com a coordenação pedagógica sobre o projeto. Ficou acordado que durante aquela semana eu e minha mãe ministrariamos oficinas de danças gaúchas nos períodos de aula que uma professora, que compõe a equipe diretiva, havia destinado. Ministramos oficinas para as séries iniciais do Ensino Fundamental e para a Educação Infantil. A escola pediu para que o nosso grupo de danças gaúchas fizesse uma apresentação aos alunos da Educação Infantil, e isso aconteceu. Três pares do grupo do qual eu fazia parte foram até a escola para realizar a apresentação das danças de projeção folclórica “maçanico”, “xote carreirinha” e “caranguejo”. Entretanto, após o encerramento da semana farroupilha a escola não fez mais nenhum tipo de contato.

A escola B, também privada, entrou em contato comigo na semana farroupilha mesmo, sendo que eu havia levado o projeto no início do mês de agosto. Essa escola não demonstrou interesse nas oficinas descritas no projeto. O objetivo da escola era conseguir uma apresentação de danças gaúchas, provavelmente para que a semana farroupilha não passasse em branco.

No ano seguinte, próximo da semana farroupilha, a coordenadora pedagógica da escola A me enviou um e-mail dizendo que gostaria de montar um “cantinho gaúcho” na escola e queriam minha ajuda, solicitando que eu levasse algum objeto antigo ou artigo de decoração. Prontamente aceitei, acreditando que realmente estivessem interessados em incentivar seus alunos a cultuarem a tradição gaúcha. Levei as pilchas feminina e masculina, quadros de pinturas com a indumentária, cuias, entre outros objetos. A escola montou seu cantinho bem próximo à recepção em um lugar de grande movimento e visibilidade, pois é por essa porta que os pais entram para deixar e buscar seus filhos.

O cantinho transformou-se em um “ponto turístico”, mas não era um lugar de exploração onde os alunos pudessem mexer nos objetos, brincar com eles, experimentar as vestimentas. Olhei as páginas da instituição nas redes sociais e havia foto de todas as turmas posadas em frente ao “cantinho gaúcho”. Naquele momento me senti explorada pela instituição, que talvez não tivesse agido de má fé, mas pareceu ter-se aproveitado do meu amor pelas tradições gaúchas para mostrar aos pais que a escola está valorizando a cultura sul-rio-grandense, quando na verdade estava utilizando essa ferramenta para se autopromover.

Senti que a semana farroupilha havia se tornado uma estratégia da escola para mostrar o trabalho de fachada aos pais, e assim atrair mais alunos para a escola. Percebi que o projeto não era do interesse da escola porque dá trabalho. É muito mais simples mostrar aos pais as fotos de um cantinho com “coisas de gaúcho” do que executar um projeto em que as crianças possam explorar os elementos da cultura gaúcha. Então me questiono: será que as crianças não mereceriam aprender sobre sua origem, sua história, sua cultura?

Naquele ano a coordenadora disse que poderia abrir um espaço maior para as danças gaúchas, transformando-as em uma “escolinha”, atividade extra que a escola oferece após o horário da aula. Há escolinha de judô, capoeira, ballet, etc. Expliquei a ela que o objetivo não era ganhar dinheiro, pois as outras escolinhas são pagas, e que me dispunha a dar essas oficinas voluntariamente. Porém, novamente o assunto encerrou-se junto com “o apagar da chama crioula”, que marca o final da semana farroupilha.

Outra experiência que tive com relação ao marketing foi em uma escola particular da cidade de Porto Alegre. Fui chamada para uma entrevista na escola C, indicada pela escola A. Na escola C, a proposta que me fizeram foi de dar aulas especializadas de danças gaúchas no turno da tarde para as três turmas de extraclasse (5 anos, 6 a 8 anos e 8 a 10 anos). No acordo verbal que fizemos, eu atuaria como professora especializada, ministrando oficinas sobre a cultura gaúcha sem ficar fixa em uma única turma. Estava receosa, visto que no turno da manhã iniciaria o estágio obrigatório do curso de Pedagogia, contudo aceitei a proposta, afinal era uma área que me interessava muito e acreditei que não seria tão desgastante, pois seriam apenas alguns dias na semana.

Iniciei o trabalho nessa escola, porém como ainda estava no período de férias, muitas crianças não estavam indo e, devido à falta de professores, acabaram me colocando em uma turma de extraclasse. Eu pensava que quando as crianças retornassem à escola eu assumiria o papel de professora especializada e colocariam outra professora em meu lugar, para que eu pudesse ficar disponível para atender as três turmas com aulas de dança, contudo não foi isso que aconteceu. Ficava sozinha com a turma sem poder me ausentar da sala em nenhum momento, pois não havia professora para me auxiliar.

Trabalhei por três meses nessa escola e não dei nenhuma oficina de danças gaúchas, por diversos motivos. Primeiramente, por total falta de organização da escola e pela falta de suporte oferecido a mim. Não havia espaço físico na escola e nenhuma professora volante que pudesse me substituir para fazer intervalo e ir ao banheiro, quiçá alguém que estivesse disposto a me auxiliar na execução desse projeto. Não havia horário definido para que as

atividades acontecessem, de maneira que eu programava uma aula de dança para uma turma e esta turma era encaminhada para aula de informática, por exemplo.

A turma em que permaneci por mais tempo foi o extraclasse 1, composta por 16 crianças, porém sem contar com auxiliar para o atendimento das necessidades pontuais das crianças, como uso do banheiro e alimentação. O espaço físico era inadequado para as atividades de dança, pois a sala era a recepção e, como tiveram que criar mais uma turma devido à demanda de matrículas, tornou-se uma sala apertada. Havia duas mesas redondas que tomavam todo o espaço da sala, não havia nem a possibilidade de fazer uma roda de conversas no chão porque não havia espaço físico.

Minha atuação era de professora da classe, contudo meu salário era de professora auxiliar, sendo que professora titular não existia. Foi impossível desenvolver atividades de dança com a turma.

Devido a essas condições e à sobrecarga com o estágio obrigatório da faculdade, resolvi desistir de trabalhar na escola. Comuniquei minha saída à direção e disse que iria me organizar e iria à escola voluntariamente uma vez por semana para que pudesse finalmente colocar em prática o projeto inicial, já que estava realmente preocupada com a qualidade de ensino ofertado às crianças. Mas para minha surpresa, a maior preocupação da direção quando pedi demissão foi: “mas a gente pode dizer para os pais que vai ter dança gaúcha?”. Ou seja, a preocupação maior não era com o que as crianças estariam aprendendo e sim com o que os pais ficassem sabendo a respeito das opções e da qualidade de ensino daquela escola. Mais uma vez as tradições gaúchas assumem o papel de vitrine para mostrar quão “boa” a escola é.

Enviei novamente o projeto à instituição C, dessa vez para a coordenadora pedagógica que assumiu pouco antes da minha saída. Durante o período após a minha saída, em que a instituição estava tentando se organizar para executar o projeto, recebi o convite para permanecer trabalhando na instituição de Educação Infantil onde eu estava realizando o estágio obrigatório do curso de pedagogia. Aceitei a proposta e, por este motivo, não me sobraram dias e horários disponíveis para comparecer à escola C e executar o projeto.

Isso me fez refletir sobre o seguinte fato: as escolas valorizam realmente a cultura gaúcha? Nas escolas em que me ofereci para ministrar oficinas de danças gaúchas, não haveria nenhum custo para a instituição. Tudo o que lhes caberia fazer era organizar o horário que seria melhor para a escola, disponibilizar um espaço físico e um aparelho de som, uma vez por semana. Apesar de estarem com “a faca e o queijo na mão” as instituições somente

me utilizaram para fazer uma autopromoção durante a semana farroupilha. No caso da escola C, a instituição entrou em contato comigo demonstrando bastante interesse em abrir as portas para o tradicionalismo, porém percebi que era apenas interesse em ampliar as ofertas de atividades especializadas na escola.

Com base nas minhas experiências, entendo que estas escolas não valorizaram a cultura gaúcha, tampouco se empenham para oportunizar aos seus alunos um aprofundamento de seus conhecimentos sobre sua cultura e sua história. Apesar de tudo isso, sigo firme nos meus propósitos em favor do cultivo de valores e atitudes que preservem a cultura gaúcha. O presente trabalho de conclusão de curso representa uma parte do meu compromisso para com a cultura gaúcha.

4.3 Experiências Dançantes

Meus pais são professores de danças gaúchas e desde muito pequena acompanhava-os nos CTGs, escolas e clubes onde ministravam cursos de danças gaúchas de salão. Vivenciei muitos episódios de pessoas adultas que tinham uma gigantesca vontade de aprender a dançar, embora alguns seguidamente apresentassem dificuldades. As dificuldades eram bastante semelhantes e a mais comum era a completa falta de ritmo. Há danças com ritmos binários, ternários e quaternários, porém muitos alunos não percebiam essa diferença. Quando meus pais colocavam músicas aleatoriamente para a turma dançar, não raro os alunos perguntavam “essa é a vaneira?” ou “é dois e dois?”. Havia uma grande dificuldade em identificar os tempos e marcações das músicas. Outra grande dificuldade era com relação à lateralidade, pois faziam uma verdadeira confusão ao terem que seguir um comando de “começa para o lado direito” ou então “inicia com o pé esquerdo”.

Isso me fez refletir sobre o quanto as pessoas não conhecem o seu corpo, não o exploraram na infância e nem ao longo de toda a vida. Provavelmente esses alunos de dança dos meus pais tiveram suas primeiras experiências com dança já na fase adulta. Como não exercitaram isso ao longo de toda a vida, apresentavam muito mais dificuldades do que as pessoas que dançavam há mais tempo. Por isso acredito que as primeiras experiências relacionadas à dança e aos movimentos corporais deveriam iniciar na Educação Infantil. Desde cedo as crianças podem e devem explorar seu corpo, que devem conhecer cada detalhe e cada movimento realizado pelo corpo.

Embora todas essas dificuldades estivessem presentes nas aulas semanais de danças gaúchas de salão, os alunos dos meus pais demonstravam uma satisfação enorme em estar dançando. Havia alunos muito dedicados, que se esforçavam para aprender a executar o passo de forma correta, e quando conseguiam era perceptível a alegria que tomava conta do seu semblante, provando que nunca é cedo ou tarde demais para começar a dançar, pois dançar é viver, é sentir-se vivo.

Para eles a dança era como uma terapia, uma forma de prestar atenção em si mesmo e no outro, apesar de toda a correria do dia-a-dia. Para dançar é necessário estar em harmonia com o par, é preciso colaboração mútua. Além disso, os cursos de dança aproximavam as pessoas; alunos de turmas anteriores iam às aulas para se reencontrar e dançar. Muitas famílias participavam, havia cursos em que três gerações se faziam presentes, os pais, filhos e netos todos aprendendo a dançar devido ao amor pelas tradições gaúchas, que foi repassado às gerações seguintes. Alguns casais se conheceram e se apaixonaram nos cursos de dança. Dessa forma, é perceptível que a dança assume um papel muito além do corporal, a dança une, cria laços, vínculos afetivos de respeito, amor e carinho mútuos.

5. CAMINHOS METODOLÓGICOS

O capítulo a seguir tem por finalidade descrever a metodologia utilizada nessa pesquisa, que se situa no campo qualitativo. Explicarei os elementos que caracterizam uma entrevista narrativa, ou a pesquisa biográfico-narrativa, bem como os procedimentos para realizá-la. Justificarei o motivo de minha escolha fundamentada pelos teóricos Jovichelovich e Bauer (2008) e Bolívar (2012).

Optei por essa metodologia porque, ao iniciar o trabalho, tive dificuldade em explicar o motivo pelo qual tenho tanto orgulho de ser gaúcha e de fazer parte dessa cultura. Conversando com algumas pessoas e tentando entender esse sentimento, percebi que é algo muito subjetivo, e que tanto a entrevista estruturada quanto a semiestruturada não seriam adequadas a este estudo, pois não dariam conta de entrar no campo dos valores, sentimentos e emoções.

Minhas narrativas autobiográficas de pequenos episódios como professora também compõem o material empírico deste estudo. Descrevi momentos marcantes vivenciados por

mim como educadora, relacionados à cultura gaúcha como prática pedagógica na Educação Infantil.

5.1. Entrevista Narrativa

A entrevista narrativa é característica do estudo qualitativo, por isso não busca saber dados e números. Ela é mais subjetiva e profunda que uma entrevista estruturada ou semiestruturada, nas quais o pesquisador já programa as perguntas previamente e tem um roteiro fechado. Um pesquisador que está utilizando a entrevista narrativa busca encontrar as singularidades das histórias contadas pelos entrevistados. Um dos objetivos do entrevistador é fazer com que o entrevistado reflita enquanto conversa.

Jovchelotitch e Bauer (2008) caracterizam esta metodologia como uma técnica para geração de histórias.

As narrativas não estão abertas à comprovação e não podem ser simplesmente julgadas como verdadeiras ou falsas: elas expressam a verdade de um ponto de vista, de uma situação específica no tempo e no espaço. As narrativas estão sempre inseridas no contexto sócio-histórico. (JOVCHELOVITCH e BAUER, 2008, p. 110).

Para realização da entrevista narrativa, Jovchelotitch e Bauer (2008) sugerem os seguintes passos: o primeiro passo é a preparação. Primeiramente, sem a presença do entrevistado, devem ser formuladas questões iminentes, ou seja, que tenham os interesses do pesquisador contemplados. A partir disso, o pesquisador escolherá uma questão abrangente o suficiente para desencadear o contar de histórias do entrevistado. O segundo passo é denominado “início”. Este processo se dá na companhia do entrevistado. Começa-se a gravação de áudio e apresenta-se o tópico inicial eleito no passo anterior. O terceiro passo constitui-se pela narração central. Nesse passo o pesquisador ouve atentamente as histórias contadas pelo entrevistado sem interrompê-lo com novas perguntas, apenas encorajando-o de forma não-verbal, ou seja, mostrando interesse e atenção.

A quarta fase é a dos questionamentos. Sugere-se que se façam perguntas relacionadas diretamente as histórias contadas. Desse modo o pesquisador se utilizará da narrativa contada para ter seus questionamentos de pesquisa contemplados. A quinta parte

constitui-se por uma fala conclusiva. Nesse momento o entrevistador desliga o gravador e continua a conversação informal. Essa etapa é sugerida, porque nesse momento o entrevistado pode se sentir menos desinibido a falar. Terminados os cinco passos, partimos para a análise dos dados coletados.

5.2. Procedimentos da Entrevista

Foram realizadas três entrevistas que tiveram duração de 15 a 20 minutos e foram realizadas separadamente, de acordo com horário, disponibilidade e local mais cômodo para cada entrevistado. Para realizá-la segui os passos indicados por Jovichelovich e Bauer (2008).

Na fase de preparação procurei, juntamente com minha professora orientadora deste estudo, elencar perguntas relacionadas à temática do trabalho. O objetivo era conhecer as concepções dos professores entrevistados sobre a cultura gaúcha e perceber que significados atribuem às práticas culturais; compreender como os professores se relacionam com a cultura gaúcha, suas experiências relacionadas a esta prática cultural, e qual o significado das experiências para cada um deles.

Outro aspecto que procurei compreender através das narrativas foi se há valorização do tradicionalismo por parte da escola, baseando-me nas lembranças escolares relacionadas a esta temática. Procurei também analisar se os entrevistados transportam suas experiências vividas como alunos do Ensino Básico para a escola onde trabalham como professores.

Inicialmente solicitei aos entrevistados que me contassem sua história de vida, experiências e lembranças relacionadas à temática do tradicionalismo e então os entrevistados iniciaram suas narrativas. Após ouvir atentamente e, percebendo o momento em que as narrativas se encaminhavam para o seu desfecho, comecei a fazer perguntas iminentes, relacionadas aos fatos relatados, e assim finalizou-se a entrevista.

Inicialmente pensei em fazer três entrevistas com cada participante. A primeira entrevista, porém, foi longa e profunda e apresentou dados suficientemente ricos, tendo em vista o objetivo da pesquisa.

5.3. Estudos sobre o método de análise

Bolívar (2012) nos ensina que há várias formas de fazer uma análise. Análise Temática, Análise Estrutural, Análise Interacional e Análise Performativa. Na análise

temática o enfoque é o conteúdo do texto (o que diz). A análise estrutural se interessa pela forma como as histórias são contadas e a forma como o narrador se faz entender ou a forma como ele se faz persuasivo no relato. A análise interacional se preocupa com o processo dialógico ou com as interações que aconteceram entre o entrevistador e o entrevistado. Interessa-se pelo caráter interativo da conversação. A análise performativa é uma análise da performance do narrador e do que aconteceu no processo desencadeado pela narrativa, com relação ao modo de envolver a audição do pesquisador em determinadas circunstâncias

A tarefa da análise de uma pesquisa biográfico-narrativa consiste em “unir os acontecimentos/eventos, às vezes atomísticos, em uma sequência inter-relacionada de temas ou tempos, de modo que configure uma rede” (BOLÍVAR, 2012, p. 91).

No caso da análise de entrevista, cujos participantes estão fortemente envolvidos em aspectos culturais, é importante que se observe o contexto social em que o entrevistado está inserido. Rogoff (2005) afirma que “a interpretação da atividade das pessoas sem levar em consideração seu *sistema* de significados e objetivos torna as observações desprovidas de sentido” (ROGOFF, p.25). Dessa forma, ao analisar as entrevistas procurei identificar a constelação de valores que dá sentido a essa prática cultural narrada.

5.4. Procedimentos de análise

De acordo com Jovchelovitch e Baur (2008), o primeiro passo a ser dado para analisar deve ser a realização da transcrição das entrevistas gravadas. Posteriormente realiza-se uma leitura atenta procurando identificar as temáticas abordadas. Após esta primeira leitura é possível escolher a categoria de análise que será utilizada pelo pesquisador.

O método de análise escolhido por mim foi a Análise Temática, cujo objetivo é capturar os temas enfocados pelo entrevistado, destacando aqueles que, do ponto de vista do entrevistado, foram mais significativos com relação ao contexto do que é narrado.

5.5. Sujeitos da Pesquisa

Os sujeitos foram escolhidos pelo fato de apresentarem em sua história, de forma direta ou indireta, vivências relacionadas ao tradicionalismo gaúcho. Os três entrevistados são estudantes do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Seguindo

as normas éticas da pesquisa em nossa universidade, os nomes são fictícios, escolhidos pelo próprio entrevistado

Alice está no quarto semestre do curso de Pedagogia. Sua relação com a tradição gaúcha originou-se por influência da família. Desde bebê acompanhava seus pais aos Centros de Tradições Gaúchas na cidade de Porto Alegre, onde nasceu e vive até hoje. Atualmente está com 19 anos e continua participando ativamente do movimento. Sente orgulho em cultivar a tradição sul-rio-grandense. Seu grande sonho, que será concretizado esse ano, é dançar no Encontro Nacional de Arte e Tradição (ENART).

João nasceu e vive até hoje em uma cidade da grande Porto Alegre. Tem conhecimento sobre alguns aspectos da história e cultura gaúcha. Nunca dançou em CTG e sua relação com o tradicionalismo é mais evidente durante a Semana Farroupilha. Gosta de assistir ao desfile de 20 de setembro em sua cidade e cultiva o hábito do churrasco e chimarrão. Tem 30 anos, atualmente está no oitavo e último semestre da graduação em Pedagogia. Atua como professor em uma escola de Educação Infantil de Porto Alegre.

Ana Laura nasceu e passou sua infância em uma cidade no interior do Rio Grande do Sul. Na adolescência mudou-se para uma cidade situada na região metropolitana, onde frequentou por dois anos um Centro de Tradições Gaúchas. Atualmente mora em Porto Alegre e não está vinculada ao Movimento de Tradições Gaúchas, mas mantém vivo o seu orgulho e amor pelas tradições gaúchas. Tem 29 anos, é professora em uma escola de Educação Infantil de Porto Alegre e cursa o quinto semestre de Pedagogia.

6. ANÁLISE

Nesta parte de minha pesquisa transformo as informações das entrevistas em texto de pesquisa a partir das dimensões extraídas durante a leitura do material empírico.

Na leitura geral realizada para conhecer a natureza do material recolhido observei que as lembranças da infância vinham à mente através de fotografias. As memórias recuperam fatos vividos no passado. As narrações que receberam mais ênfase foram dos momentos vivenciados com os pais e amigos. Os entrevistados tentavam estabelecer uma ordem cronológica dos acontecimentos, mas as lembranças não seguiam essa ordem, uma vez que os fatos mais significativos tomavam a atenção dos entrevistados.

Nas narrativas três elementos estiveram presentes o tempo todo, pois são fundamentais para que uma história possa ser contada. São eles: tempo (infância, juventude, vida adulta), lugares (em casa, na casa dos avós, no interior, na escola, no CTG) e relações (familiares, com os amigos, colegas, professores).

Foi observado como um todo que a família teve papel relevante por estímulo ou ausência dele. Os entrevistados cuja família apoiava e incentivava a participar de Centros de Tradições Gaúchas narraram lembranças de hábitos culturais que permanecem sendo cultivados até hoje, como o chimarrão, comida típica e a dança. Os entrevistados atribuem um significado ao seu interesse pelo tradicionalismo, sendo o incentivo familiar apresentado como o principal.

A semana farroupilha se apresenta como um fator decisivo no cultivo da tradição gaúcha. É neste período que as pessoas têm maior contato com o tradicionalismo na escola e na sociedade. No decorrer das narrativas, a dança é referida como atividade que mais concentra lembranças significativas ligadas à cultura gaúcha.

O passo seguinte para analisar os dados foi a leitura específica, que teve por objetivo compreender qual o significado da cultura gaúcha na vida dos entrevistados. A leitura procurou identificar, do ponto de vista dos narradores, os fatos que marcaram sua vida e as experiências mais relevantes. Dessa leitura foram extraídas as dimensões das análises, as quais foram reagrupadas em três dimensões principais, sendo elas: relações com a família e amigos; espaços e tempos vividos; experiências durante a Semana Farroupilha na escola e na comunidade.

6.1 Relações com a família e amigos

Em sua narrativa, Alice demonstra o significado que a cultura gaúcha tem para ela. Afirma que sua vida sempre foi em torno das tradições gaúchas e que a família teve papel decisivo despertando seu interesse pelo tradicionalismo. Desde bebê acompanhava seus pais no CTG. Justifica o amor que sente pela cultura gaúcha quando afirma: “eu sou assim, essa paixão pelo CTG é graças a minha família.”

Ao longo da narrativa afirmou que dança desde a infância. Em sua fala evidencia gostar muito desta manifestação cultural e demonstra gratidão a sua família, que proporcionou-lhe essa vivência, dizendo: “eu adoro dançar e, claro sem o apoio da minha mãe, do meu pai, não seria possível. Sempre me apoiando, nunca me deixaram na mão”.

Em outro momento Alice novamente afirma que seus pais sempre apoiaram suas decisões de participar do movimento tradicionalista e que sem isso talvez tivesse saído do CTG como aconteceu com muitos de seus amigos.

[...] meu pai e minha mãe sempre envolvidos, sempre, sempre, sempre. E aí a gente vê também a importância da família, porque vários amigos meus que dançavam comigo quando eu era mirim e juvenil, acabavam saindo pelos pais ou familiares não darem tanto apoio. (Alice)

É possível identificar o valor que Alice atribui à cultura gaúcha quando afirma que seu grande sonho é dançar no Encontro Nacional de Arte e Tradição (ENART). Repetidas vezes, durante a conversa, Alice afirma que dançar é a sua paixão e que esse sonho só se concretizará neste ano graças ao apoio dos seus familiares.

Como os CTGS são entidades sem fins lucrativos a gente não ganha nada pra tá lá, né? A gente só tem que dar dinheiro pra ser associado, para fazer a pilcha, essas coisas. Então esse ano foi um ano que eu gastei muito dinheiro, que a minha família me ajudou. Vô, vó, tio, dindo, irmã, todo mundo. Mas me ajudou porque sabia que é o meu sonho desde pequena. (Alice)

Na narrativa de Alice a família apresenta-se como um importante difusor cultural. Lessa (1954) afirma que “[...] as duas unidades sociais mais importantes, como transmissoras de cultura, são a ‘família’ e o ‘grupo local’. Através destas duas unidades, o indivíduo recebe, com maior intensidade, a sua herança social” (LESSA, 1954, p.4).

João relata em sua narrativa que não tem um vínculo muito forte com o tradicionalismo quando afirma: “minha família também nunca teve essa questão da proximidade com os CTGS ou com outras instituições que fomentem esse folclore”.

A mãe de João não participava de Centros de Tradições Gaúchas (CTG). Apesar de não participar ativamente do tradicionalismo gaúcho, sua mãe o incentivou a dançar, comprando uma bota e uma bombacha para a apresentação que seria realizada durante a semana farroupilha no 2º ano do Ensino Fundamental.

Os compadres de sua mãe, chamados por ele de “avós adotivos”, viviam em Santa Maria. Seu avô trabalhava em um CTG e o levava junto às vezes. O casal tinha o hábito de tomar chimarrão diariamente e incentivava muito João durante sua infância a cultivar esse hábito. Quando menino, ganhou de seus avós uma cuia pequena para tomar chimarrão.

Eu me lembro que eu tinha uma cuia bem pequenininha, que inclusive foram eles que tinham me dado. Talvez por isso que tenha permanecido essa questão do chimarrão, sabe? Porque isso nunca foi cortado, de certa forma sempre foi bem estimulado. Mas essas lembranças são bem fortes. Eles tinham bem forte isso da cultura gaúcha. Parte do que restou foi por causa deles mesmo. (João)

As relações que mais aproximaram Ana Laura do tradicionalista foram as de amizade. Seus pais não participavam de eventos da cultura gaúcha e também não a estimulavam. Ana Laura tem lembranças relacionadas à cultura gaúcha na casa dos avós, em uma cidade do interior.

Eu tenho muita recordação do chimarrão presente sempre, de manhã e a tarde. Minha vó vivia fazendo arroz de leite, tinha essa culinária presente bastante pelo lado dos meus avós na infância bastante música. Tenho muita recordação de música gaúcha, meu vô gostava muito de música (Ana Laura).

Ana Laura começou a participar do CTG a convite de uma amiga e, desde então, passou a atribuir um significado especial à cultura gaúcha.

O que eu tive contato com a Dança Gaúcha Tradicional foi acho que com 16 anos. No bairro onde eu morava algumas amigas faziam dança num CTG em Eldorado do Sul. Eu não tinha nenhum contato nem pela minha família, por nada. Nunca fui de participar de eventos ou comemorar a data, enfim. E a partir daí que essa colega me apresentou o CTG. E logo eu já comecei a participar dos ensaios, que ela também já estava participando de uma internada e de cara eu gostei muito assim, foi bem legal. (Ana Laura)

Tempos depois Ana Laura deixou de participar do CTG porque mudou de cidade. Seus pais não a acompanhavam. Todavia, afirma que ainda hoje se arrepia quando houve a música gaúcha. Isso se dá pelo fato de que a cultura é essencial para o ser humano.

Rogoff (2005) afirma que a cultura é uma herança dos nossos ancestrais e uma necessidade biológica do indivíduo, que precisa viver em sociedade.

O desenvolvimento humano é um processo cultural. Como uma espécie biológica, nós, os seres humanos, somos definidos em termos de nossa participação cultural. Somos preparados por nossa herança cultural e biológica para usar a linguagem e outras ferramentas culturais para aprender uns com os outros. (ROGOFF, 2005, p. 15)

É possível perceber, através dessa dimensão de análise que perpassa as três narrativas, que a família e os amigos têm papel importante na difusão cultural. As relações com a família e amigos são uma teia de significações. Contudo, a família se torna determinante na permanência da pessoa no ambiente tradicionalista. O valor que a família atribui às práticas culturais gaúchas é repassado aos filhos.

6.2 Espaços e Tempos Vividos

O espaço mais marcante na narrativa de Alice é o CTG. Neste ambiente ela passou a infância, adolescência e agora passa a vida adulta. Neste lugar fez amigos e vivenciou grandes momentos com sua família como a concretização do seu grande sonho, dançar no ENART.

Um tempo marcante na narrativa de Alice foi o período da sua adolescência. Da infância as memórias são mais auxiliadas por fotos e pelo que seus pais contam. Alice relata que, quando entrou na adolescência, vieram diversos questionamentos sobre o tradicionalismo.

Aí entra naquela fase “mas por que eu faço isso tudo? Pra que isso?” Mas aí no fim a gente vê que é porque a gente gosta mesmo. Mas não sei explicar assim porque exatamente, sei lá é uma coisa que eu gosto muito dentro de mim, é o que eu me identifico, é a minha paixão dançar, ajudar o outro. Porque a gente se ajuda bastante dentro de um CTG. (Alice)

Mesmo nesta fase de questionamentos sua paixão pela dança não diminuiu. O CTG havia se tornado um espaço de acolhimento, onde ela se sentia bem. Os vínculos estabelecidos com os amigos e a presença da família eram os motivos principais que faziam Alice permanecer no CTG.

Quando adolescente tu tá naquela fase, tu quer sair, tu quer ir pra festa, mas aí tu fica, não vou pro CTG, vou pra uma baile bem gaúcho, bem pilhada em vez de ir pra uma festa. Foi bem assim a minha adolescência. Enquanto meus colegas estavam indo pra festa, eu tava dentro do CTG num baile com meu pai e com a minha mãe dançando com meus amigos. Mas eu nunca tive problema, eu sempre fui bem resolvida, sempre gostei de CTG mas sempre me respeitaram. (Alice)

O tempo mais marcante na narrativa de João é sua infância. E os espaços são o colégio, nos festejos em comemoração à Semana Farroupilha, e a casa dos avós adotivos no

interior. João fala deste lugar com muito carinho e saudade. As lembranças dos momentos em que viveu no interior, com relação ao tradicionalismo gaúcho, são as mais marcantes para ele.

Fala da paisagem e do típico hábito dos seus avós de acordar cedo e já cevar um mate. “Eles tomavam muito chimarrão, acordavam muito cedo. Típico lá do interior, acordar bem cedo na alvorada tomar um chimarrão”, dizia. É possível perceber que a relação com seus avós é muito significativa para ele.

Essa cidade interiorana em que João viveu momentos importantes da sua infância é marcada também por outro espaço significativo. Na cidade em que João morava não tinha o hábito de participar de CTG, mas quando ia para a cidade de seus avós visitava o CTG em que seu avô trabalhava.

[...] esse meu avó adotado ele trabalhava num CTG e eu achava muito legal quando ia lá porque quando eu ia ele pegava e me dava refri, dava um monte de coisa assim. E em Santa Maria é um bairro assim bem típico, interiorano, bem típico da paisagem gaúcha. São as lembranças mais fortes, as relações mais fortes que eu tenho com a cultura gaúcha. (João)

Ana Laura também cita a casa dos seus avós no interior como um espaço de significações relacionadas ao tradicionalismo gaúcho. Outro espaço importante descrito em suas narrativas é o Centro de Tradições Gaúchas.

A adolescência é o tempo mais evidenciado em sua narrativa, pois é o período em que mais esteve próxima ao tradicionalismo, dançando no CTG. Ana Laura afirma o seguinte sobre esse período:

Foi algo que eu fiz na minha juventude assim que eu mais gostei, sabe? É algo assim que hoje eu ouço a música gaúcha em qualquer espaço, ou dança e aí eu me arrepio. Porque é um local que sei lá é muito bonito, eu sempre me senti à vontade e gostava bastante. (Ana Laura)

Com relação ao interior, Ana Laura afirma que é o lugar onde mais se sente em casa, onde a tradição gaúcha se mantém mais forte. Afirma também que nas grandes cidades a cultura vai se perdendo por causa das grandes mídias e cotidiano corrido.

[...] essa urbanização de tudo tem um tempo, tudo marcado, tudo corrido. Você tem sempre que estar fazendo alguma coisa, você tem que ir pra escola, você tem que trabalhar, depois tem que fazer mil coisas. Eu acho que as grandes mídias vão chegando e aí a gente vai se apropriando de outras coisas de fora e vai talvez esquecendo um pouco de dentro. E onde eu vejo que tem um contato com isso é quando eu vou pro interior, que lá se tem muito até a fala e a simplicidade de moradias essas coisas que eu vejo um sentimento regionalista do Sul, que é onde eu me sinto mais em casa por ter vindo do interior, eu sou de Pelotas. Então esse contato que eu tenho que é meio que um espírito de casa que talvez possa ter sido da minha infância é mais no interior que é onde eu sinto que tem aquele costume de acordar e fazer o chimarrão sabe? Aí tem aquele sotaque carregado que fala histórias, tem propriedade de histórias e fala com uma verdade sobre os mitos. (Ana Laura)

Não é por acaso que o tradicionalismo surgiu a partir de uma pesquisa que se iniciou no interior e foi conquistando espaços por todo o estado e país. É no interior que há a presença mais forte dos hábitos e costumes campeiros devido ao que Barbosa Lessa chama de *vizindário*. Nas cidades campesinas as pessoas dedicam parte do seu tempo para tomar chimarrão juntas, conversar, dançar e ajudar uns aos outros. É nesse sentido que Lessa (1954) afirma que é preciso que haja um núcleo cultural forte para que as culturas exteriores sejam incorporadas à cultura local ao invés de sobrepô-la. “Sem um grupo que pense do mesmo modo, é-lhe impossível sentir-se seguro a respeito de qualquer assunto. E assim o indivíduo torna-se presa fácil de qualquer propaganda insistente” (LESSA, 1954, p.6).

6.3 Experiências durante a Semana Farroupilha na escola e na comunidade

Durante a conversa Alice mostrou-se extremamente apaixonada pela cultura gaúcha, especialmente pela dança. Enquanto aluna, inseria elementos culturais na escola em que estudava através da confecção de brinquedos folclóricos, música, poesia e dança.

Tu vê que é uma coisa que tá bem inserida na nossa sociedade, mesmo muita gente não sabendo, mas nos colégios eu vejo bastante assim, pena que é só na semana farroupilha que falam sobre isso. A gente vê que tá pelo menos sendo falado, acho que é uma coisa que não vai morrer nunca. (Alice)

Atualmente leva o tradicionalismo às crianças da Educação Infantil através de apresentações, palestras e oficinas de dança voluntariamente durante a semana farroupilha nas escolas de Educação Infantil que a convidam. Alice diz que “agora que eu já entrei na faculdade é que estou indo pra escola para fazer o trabalho com as crianças pequenas. No colégio que a minha sobrinha estuda, eu vou lá, a gente ensinou eles a dançar o pezinho e tu vê que eles gostam”.

Toda a família de tradicionalistas sempre esteve inserida na escola. Alice e seus pais eram convidados a dar oficinas de brinquedos folclóricos às crianças durante a semana farroupilha. Alice narra que sua mãe e irmã faziam peteca de jornal, bonequinha de pano para as crianças e elas adoravam. Seu pai fazia umas pipas pequeninhas para os alunos, enquanto ela era convidada para dançar.

Em algumas escolas, a Semana farroupilha atinge em parte seu objetivo de difusão cultural. Contudo, como tradicionalista e professora, acredito que a cultura gaúcha merece ser mais valorizada. Compartilho da opinião de Alice quando afirma que:

E acho que seria bem interessante ter mais essa inserção nas escolas. Porque não adianta é que nem aquela coisa que a gente fala, ah no dia do índio, comemorar, falar sobre o índio. Mas não é assim, é todo ano, todos os dias tem os índios. É que nem aqui. Todos os dias tem os gaúchos, os tradicionalistas. (Alice)

Por fim, Alice afirma que “se um dia eu tiver um pouco de poder seria uma coisa que eu lutaria bastante para ter essa inserção. Não só do tradicionalismo, mas das outras culturas, né? Dos outros tipos de dança, de ritmo, de músicas dentro da escola, porque faz falta”.

As experiências de João relacionadas à Semana Farroupilha são negativas. Aos nove anos teve “um trauma” muito intenso com relação à dança gaúcha em razão de uma situação vivida na escola. Sua turma do segundo ano do Ensino Fundamental estava ensaiando para uma apresentação. João havia inclusive ganhado de sua mãe uma bombacha e um par de botas, mas a professora o deixou de fora da dança. Toda a turma apresentou menos ele, que foi substituído por um aluno de outra turma.

Tinha uma professora que ensinava ali como é que dançava uma música bem específica que era aquela do pezinho. Na verdade foi a minha primeira experiência direta e frustrante, porque eu me lembro que eu, bah, fui selecionado e tava bem faceiro. Inclusive eu comentei com a minha mãe e ela me comprou uma bota e uma bombacha. E na semana seguinte, não sei porque, talvez por eu não ser tão bom na dança a professora resolveu me trocar. Não só me trocar, mas me trocar por um aluno de outra turma. Então era a minha turma se apresentando com um menino de outra turma. Então eu me senti super excluído, eu acredito que isso fez com que eu me retraísse com relação a dança, porque eu sou completamente negativo pra dança, não sei dançar, sou duro, eu não tenho jeito nenhum pra dança. Tento, me esforço muito mas não consigo. Mas foi bem assim, foi bem frustrante. (João)

Ao narrar o episódio, expressa o que sentiu quando foi excluído da apresentação e o quanto essa postura assumida pela professora, de excluir um aluno da dança em prol de uma apresentação esteticamente perfeita, o fez perder completamente o interesse pela dança.

Eu me senti muito mal, muito mal mesmo. Foi muito triste por tá vendo meus colegas ali fazendo uma apresentação e tal bem legal que eu tava super empolgado. Como eu falei eu tinha ganho uma bombacha e um par de botas justamente pra aquilo, né? Então depois eu acabei abandonando aquilo lá, ficou no roupeiro, eu nunca mais usei, sabe? A minha ficou muito brava, chegou a ir na escola, mas de nada adiantou, foi frustrante. Eu deveria ter o que uns 9 anos por aí, essa lembrança é bem forte assim. (João)

Nessa prática a professora utilizou a dança com um fim em si mesma e não como uma forma de manifestação cultural sul-rio-grandense, como uma forma de expressão da arte. A dança na escola deve assumir o papel de socialização e não de exclusão. Vargas (2014) afirma que a dança deve ser uma prática pedagógica formativa e não uma forma de revelar talentos. Este tipo de prática pedagógica, que exclui os que não sabem dançar, que procura ensinar a dança somente para que as crianças realizem apresentações, ensaiando exaustivamente para realizar um espetáculo, deve ser abolido totalmente das escolas e das instituições relacionadas ao ensino de Dança. Depois desse fato ocorrido na escola, João não teve mais interesse pela dança gaúcha, se considera sem jeito para dança. Afirma que a escola, ao invés de incentivar o cultivo à cultura sul-rio-grandense, fez exatamente o contrário, afastando João do Tradicionalismo.

Eu acredito que talvez esse entre aspas “trauma”, essa questão “não pode mais participar” isso acabou também com que eu me afastasse um pouco disso, que eu não tivesse um vínculo maior. Depois desse fato aí nunca mais me veio nem a vontade de querer participar de alguma coisa. Então quando surgia a oportunidade em nem fazia questão de participar, não me deu mais vontade, sabe? (João)

Hoje em dia seu maior vínculo com a Semana Farroupilha é por meio dos desfiles realizados no dia 20 de Setembro. Em sua narrativa demonstra interesse e empolgação por esta data relatando: “eu sempre vou. Eu gosto, acho bonito, acho legal o desfile dos cavalos e tal. Acho bem legal, eu sempre vou, sempre fui. Tem lá em Viamão e eu moro bem próximo da onde ocorre, então eu sempre vou. Eu gosto, acho bem legal”.

Ana Laura não tem um vínculo muito estreito com relação à Semana Farroupilha e afirma: “não consigo recordar assim de algo comemorativo, infelizmente não. Eu consigo lembrar de festa junina. Isso que é bem chato que a gente já conversou, mas gaúcho não lembro de nada, infelizmente.”

Acredita que a cultura gaúcha não deve ser trabalhada apenas como uma data comemorativa, afirmando que:

Acredito que através da escola essas datas elas não servem só pra a gente colocar o vestido e talvez colocar a roupa e se sentir gaúcho por aquela época, também é um momento que eu acredito que as escolas tem que trabalhar né? Acho que em todas as idades, porque cada ano é um período, uma evolução. Então seria legal se trabalhasse cada época na escola de uma forma bem educativa mesmo e histórica. (Ana Laura)

Em sua narrativa Ana Laura fala sobre a sobre a confusão de datas e mistura de duas figuras distintas, o Gaúcho e o Caipira. Fala que atualmente os trajes são confundidos e que os pais reproduzem o que aprenderam no colégio. Sendo assim, afirma que em muitas situações já viu crianças vestidas de caipiras na Semana Farroupilha. Sobre isso, Ana Laura afirma que:

Acredito que esse processo de Educação também teria que vir dos pais ou talvez fazer um processo educativo um pouco mais estendido até em casa, conversar com eles sobre, penso de planos futuros, né? De poder trabalhar com eles, trabalhar de forma mais clara do que é e talvez mandar um material pra casa pra que eles fiquem a par um pouco do que está sendo passado também para esses alunos, pra os pais poderem trabalhar juntamente porque muitas vezes os pais reproduzem essa falta de conhecimento, essa mistura e a criança acaba indo sem saber direito o que é. Acho importante ter esses dois diálogos aí. (Ana Laura)

Dessa forma, é perceptível que a escola precisa assumir o papel de ensinar a diferença entre as culturas e entre essas duas festas. A Semana Farroupilha pode se tornar um momento para reflexão sobre o papel que está sendo assumido pela escola frente ao tradicionalismo e frente à difusão da cultura gaúcha como construção da identidade de seus alunos.

APRENDIZAGENS DESTA PESQUISA

Nas aprendizagens deste trabalho é possível encontrar o tradicionalismo gaúcho alicerçado na família. O orgulho de ser gaúcho, ou gauchismo, é passado de geração em geração, como uma espécie de sentimento folclórico, devido à grande aceitação coletiva e em parte pelo anonimato. É algo que simplesmente se sente. Sendo assim, a participação e o incentivo da família se tornam decisivos na difusão deste sentimento.

É possível inferir que, além do estímulo familiar, a cultura gaúcha vem se perpetuando através da Semana Farroupilha. Esta tem se mostrado decisiva devido aos festejos e desfiles realizados na escola e na comunidade, assim como o acampamento farroupilha, tendo em vista que é neste período do ano que a sociedade mais tem proximidade com o tradicionalismo gaúcho, pois recebe intensa visibilidade em setembro.

Os espaços que se apresentam nas narrativas como decisivos para a difusão da cultura rio-grandense são os CTGs e os momentos vividos no ambiente campesino, das cidades do interior do estado. Os entrevistados mencionaram este lugar relacionado às lembranças de momentos com seus avós, que possuem hábitos e costumes culturais gaúchos muito marcantes. Nesta região as pessoas dedicam parte do seu tempo para conversar em uma roda de chimarrão, por exemplo.

Alguns dos elementos culturais são marcas muito significativas da cultura gaúcha. O chimarrão é um elo cultural forte, aparecendo nas narrativas como prática diária que caracteriza os gaúchos. Assim como a comida típica, que envolve diversas lembranças relacionadas aos hábitos familiares vivenciados na capital e no interior. A dança também se apresentou como um símbolo da cultura rio-grandense, sendo mencionada com muita ênfase nas narrativas, carregando recordações especiais.

Atualmente as pessoas não têm tempo de participar de Centros de Tradições Gaúchas. Estão tão atarefadas com trabalho e estudo que não têm tempo para participar dos ensaios de danças, para participar das apresentações em rodeios, em outros CTGs que ficam em cidades vizinhas ou mais afastadas, exigindo viagens. As pessoas não conseguem parar alguns minutos para tomar um chimarrão e conversar ou preparar um prato típico. Estão sempre correndo, almoçando em restaurantes, *fast foods*, ou optando por congelados. Sendo assim, os CTGs vão perdendo espaço nos centros urbanos porque as pessoas estão vivendo cada vez mais isoladas, em suas residências.

Portanto, através deste estudo pretendo apresentar possibilidades para que a escola assuma o importante papel de difusor cultural, de modo a não deixar que a identidade cultural gaúcha seja sufocada pelas grandes mídias e pelo cotidiano corrido.

Todos os anos a creche onde trabalho monta um espaço denominado “Piquete Piaquito”, nome escolhido por antigos alunos. Durante toda a semana farroupilha as crianças visitam o piquete, para exploração do ambiente, tomam chimarrão e comem pipoca, ouvem lendas e dançam. Neste lugar há diversos objetos relacionados à cultura gaúcha, como a encilha do cavalo, a bandeira do estado, a chaleira, cuias e bombas de variados tamanhos. No piquete, um balanço feito com pneu foi transformado em um cavalo de brinquedo. Uma encilha foi colocada em cima do pneu e as crianças sentavam e se embalavam, brincando que estavam andando a cavalo.

Essa instituição, desejando criar um espaço para a integração entre as famílias e celebrar os festejos alusivos à Semana Farroupilha, colocou em seu calendário escolar uma “Festa Farroupilha”. Foi uma festa semelhante à Junina, todavia as barraquinhas vendiam predominantemente comidas típicas do Rio Grande do Sul. Havia uma barraquinha que vendia espetinhos de carne, de coraçãozinho, arroz de leite, entre outras. Havia também brincadeiras como a boca do palhaço e pescaria, que fazem muito sucesso entre as crianças. Muitos pais levaram chimarrão para sorver durante a festa. As músicas tocadas foram tradicionais gaúchas e a grande maioria das crianças estava pilchada. É possível compreender, através desta prática, que a escola pode fazer diferente, pode incorporar diversas manifestações culturais. É possível que a cultura sul-rio-grandense tenha mais espaço nas escolas.

A música, a dança, a poesia e as demais formas de manifestação artístico-culturais devem estar presentes na escola; estas práticas estão defendidas por lei. A lei nº 12.287/2010 define que “O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”. Dessa forma, defendo veementemente que a arte se faça presente dentro da escola em seus mais variados aspectos, principalmente através da dança.

Neste ano realizei diversas oficinas de danças gaúchas com meus alunos, que têm entre quatro e cinco anos. Ministrei também uma oficina de dança para os alunos de três anos. A turma na qual atuo como professora realizou uma apresentação bastante descontraída das danças “Maçanico”, “Tatu” e “Chula” para as turmas de zero a dois anos. Existem diversas

possibilidades de ensinar as crianças a dançar e a conhecer mais a fundo a cultura na qual estão inseridas. É preciso tentar, experimentar, errar, aprender. Não existe uma fórmula, é preciso arriscar e, sobretudo, se divertir com os alunos neste processo de aprendizagem.

Se a escola trabalhar a cultura gaúcha na Semana Farroupilha, já é um ponto de partida. Há escolas que, por falta de tempo, de pessoas capacitadas ou de organização, acabam deixando de lado este trabalho relacionado à cultura sul-rio-grandense, não desenvolvendo atividades nem durante o período da Semana Farroupilha e nem no decorrer do ano letivo.

Penso que qualquer projeto a ser desenvolvido na escola precisa de empenho e muita dedicação para ser colocado em prática. Precisa também principalmente de estudo e pesquisa para coletar informações sobre o tema. Não basta os professores cultuarem o *Gauchismo*, se emocionando ao cantar o hino rio-grandense e não conhecer a sua identidade cultural e a história de seus antepassados. Também não basta saber sua história e deixá-la guardada consigo. É preciso repassar esse conhecimento aos alunos. A cultura é primordial para a vida em sociedade. As crianças têm o direito de aprender quem são. Cabe aos professores, e eu me incluo neste grupo, estudar constantemente, refletir e planejar práticas pedagógicas que façam sentido para as crianças e que sejam adequadas à faixa etária.

REFERÊNCIAS

BÉJART, Maurice. Prefácio. In: GARAUDY, Roger. **Dançar a vida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

BOLÍVAR, Antonio. Metodología de la investigación biográfico-narrativa: recogida y análisis de datos. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; ABRAHÃO Maria Helena Menna Barreto. (Orgs.) **Pesquisa (Auto)biográfica temas transversais**. Dimensões Epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto)biográfica Tomo II. Porto Alegre/ Natal/Salvador: EDIPUCRS/EDUFRN/EDUNEB, 2012. p. 78-109.

CASCUDO, Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 5ª Ed. São Paulo: Edições Melhoamentos, 1980.

CHERINI, Giovani; RECH, Roberto. **Símbolos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2014.

CORTES, JC Paixão. **Falando em Tradição e Folclore Gaúcho**. Porto Alegre: Grafosul, 1981.

CORTES, JC Paixão. **Danças Birivas do Tropeirismo Gaúcho**. Porto Alegre: Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, 2010.

EAGLETON, Terry. **A ideia de Cultura**. São Paulo. Editora UNESP, 2003

FAGUNDES, Antônio Augusto. **Curso de Tradicionalismo Gaúcho**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1994.

FAGUNDES, Glênio Cabral Portela. **Cevando Mate**. Porto Alegre: AGE, 1980

FONSECA, Roberto. A bela historia do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Ledur Serviços Editoriais LTDA, 2012.

GARAUDY, Roger. **Dançar a vida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

JOVCHELOVITH, Sandra e BAUER, Martin W. Entrevista Narrativa. In: BAUER, M. W; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com textos: imagem e som: um manual prático**. 7 ed. Trad. de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 90-113.

La TAILLE, Yves. Ética em pesquisa com seres humanos: dignidade e liberdade. In: GUERRIERO, Iara Coelho Zito, SCHMIDT Maria Luisa Sandoval, ZICKER Fabio (Orgs). **Ética nas pesquisas em ciências humanas e sociais na saúde**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008. p. 268-278

LEITE, Luiz Alberto. **Comida Gaúcha: Cozinhando com mestre Leite**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1995.

LESSA, Luiz Carlos Barbosa. O sentido e o valor do Tradicionalismo. **Congresso Tradicionalista do Rio Grande do Sul**, Santa Maria, Julho de 1954. Movimento Tradicionalista Gaúcho.. Disponível em:< http://www.mtg.org.br/pag_teses.php> Acesso em: 29 nov 2014.

LESSA, Luiz Carlos Barbosa; CORTES, J. C. Paixão. **Manual de Danças Gaúchas**. São Paulo: Irmãos Vitale Editores Brasil, 1958.

LESSA, Luiz Carlos Barbosa. **Antologia Pessoal**. Porto Alegre: Alcance, 2005.

MAFFIOLETTI, L. A. . A dimensão lúdica da música na infância. In: **XIV Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino**, 2008, Porto Alegre, RS. Trajetórias e processos de ensinar e aprender: sujeitos, currículos e cultura. Porto Alegre, RS : EDIPUCRS, 2008. (abril)

MAFFIOLETTI, Leda O que se aprende com a Música? In: ICLE, Gilberto (Org.) . **Pedagogia da Arte: entre-lugares da escola**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012. v. 2. p. 23-39.

MARCON, Fernanda. O primeiro lugar vai para...: por uma abordagem antropológica sobre festivais de música e gêneros musicais. In. **Antropologia em primeira mão**. Florianópolis. v.128. p. 1-18, PPGAS/UFSC. 2011.

MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO, Porto Alegre. **Compêndio Técnico Ilustrado de Danças Gaúchas de Salão**. (Org) Suzana Schwuchou 2ed. Porto Alegre: MTG, 2008

NÓVOA, António. António Nóvoa fala sobre conteúdos que devem ser prioritários na escola. Revista Nova Escola: Gestão Escolar. Edição 008, Junho/Julho 2010. Entrevista concedida a

Cynthia Rodrigues. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/gestao-escolar/diretor/antonio-novoa-fala-conteudos-devem-ser-prioritarios-escola-574267.shtml>> Acesso em: 8 de março de 2011.

NUNES, Rui Cardoso; NUNES, Zeno Cardoso. Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1990.

ROGOFF, Barbara. **A natureza cultural do desenvolvimento humano.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2005.

SAVARIS, Manoelito Carlos. Nossos símbolos: nosso orgulho! Porto Alegre: Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore, 2008.

VARGAS, Lisete Anizaut Machado de. **Escola em dança: movimento, expressão e arte.** Porto Alegre: Mediação, 2007.

VARGAS, Lisete Arnizaut Machado de. A dança com alma de criança! In: Susana Rangel Vieira da Cunha (org) **As artes no universo infantil.** Porto Alegre: Editora Mediação, 2014. p.235-270.

ZATTERA, Véra Stedile. **Gaúcho - Vestuário Tradicional e Costumes.** Porto Alegre: Palloti, 1995.

Referências de sites:

Site do Movimento Tradicionalista Gaúcho: Disponível em:

<<http://www.mtg.org.br>>. Acesso em: 30 de novembro de 2014.

Site CTGs pelo mundo: Disponível em:

< <http://crioulo08.wordpress.com/2008/02/11/ctgs-pelo-mundo/>>. Acesso em: 30 de novembro de 2014.

Site do Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore: Disponível em:

<http://www.igtf.rs.gov.br/?page_id=22>. Acesso em: 30 de novembro de 2014.

ANEXO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso:

A dança e a cultura gaúcha como prática pedagógica na Educação Infantil

A presente pesquisa está vinculada ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sendo produzida para fins de Trabalho de Conclusão de Curso. Trata sobre as Danças Gaúchas na Educação Infantil e tem como objetivo discutir e refletir sobre o papel da escola de Educação Infantil na manutenção do patrimônio cultural gaúcho.

Para este fim, serão realizadas duas entrevistas narrativas, registradas através da gravação de voz. Cada encontro terá a duração aproximada de 20 min. Os dados e resultados desta pesquisa serão mantidos sob sigilo ético, não sendo mencionado o nome do(a) participante, garantindo, assim, a privacidade e a confidencialidade das informações. Todo o desenvolvimento do trabalho será orientado pela Profa. Dra. Leda Maffioletti e seu destino final será a Monografia de Conclusão de Curso, que ficará à disposição para a consulta pública na biblioteca da Faculdade de Educação da UFRGS.

Em caso de concordância com as considerações expostas, solicitamos que assine este termo no local indicado abaixo. Caso o participante tenha qualquer dúvida, poderá fazer contato com a pesquisadora Franciele Vanzella da Silva através do telefone 9774.8558 ou com sua orientadora, Profa. Dra. Leda Maffioletti, na Faculdade de Educação, pelo telefone 330809099.

Eu _____, fui informado sobre os objetivos da pesquisa acima descrita e concordo em participar da mesma.

Assinatura do(a) professor(a)

Assinatura da Pesquisadora – Franciele Vanzella da Silva

Assinatura da Professora Orientadora – Leda Maffioletti

Porto Alegre, ____/____/_____.